



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – DCH – *CAMPUS IX*
LETRAS: LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURAS**

CARLA BEATRIZ SERPA SOUZA

**ESTEREÓTIPO E RESISTÊNCIA NO INSTAGRAM:
CONTRADIÇÕES EM DISCURSOS SOBRE O CORPO DE
MULHERES GORDAS**

**BARREIRAS – BA
2024**

CARLA BEATRIZ SERPA SOUZA

**ESTEREÓTIPO E RESISTÊNCIA NO INSTAGRAM:
CONTRADIÇÕES EM DISCURSOS SOBRE O CORPO DE
MULHERES GORDAS**

Monografia apresentada à Universidade do Estado da Bahia, *campus IX*, como requisito obrigatório para a obtenção do grau de Licenciatura em Letras, Língua Portuguesa e Literaturas.

Área: Linguística

Orientador: Prof. Dr. Thiago Alves França

BARREIRAS – BA
2024

CARLA BEATRIZ SERPA SOUZA


**ESTEREÓTIPO E RESISTÊNCIA NO INSTAGRAM:
CONTRADIÇÕES EM DISCURSOS SOBRE O CORPO DE
MULHERES GORDAS**

Monografia apresentada à Universidade do Estado da Bahia, *campus IX*, como requisito obrigatório para a obtenção do grau de Licenciatura em Letras.


Orientador: Prof. Dr. Thiago Alves França

Aprovada em 16/12/2024


COMISSÃO AVALIADORA

Documento assinado digitalmente
 **THIAGO ALVES FRANCA**
Data: 31/01/2025 19:05:11-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Thiago Alves França
Orientador - Uneb

Documento assinado digitalmente
 **FABIO ARAUJO OLIVEIRA**
Data: 04/02/2025 16:18:25-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Fábio Araújo Oliveira
(Uneb- *campus* de Santo Antônio de Jesus)

Documento assinado digitalmente
 **RITA DE KASSIA KRAMER WANDERLEY**
Data: 04/02/2025 11:30:51-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr.^a Rita de Kássia Kramer Wanderley
(IFCE- *campus* de Jaguaruana)

Barreiras, BA, 2024.

DEDICATÓRIA

Dedico este Trabalho de Conclusão de Curso aos meus pais, ao meu irmão e aos meus avós, que me apoiaram e incentivaram a trilhar esta fascinante jornada em busca de conhecimento.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por minha passagem neste mundo e pela consciência intacta; também à possibilidade de pensar sobre mim, sobre o outro, sobre o mundo e como agir sobre ele. Agradeço pela possibilidade de lutar por minhas convicções, pelo apoio da minha família e pela oportunidade de cursar o Ensino Superior. Agradeço ao meu orientador, por me auxiliar nesta jornada fascinante que foi a escrita do meu Trabalho de Conclusão de Curso, possibilitando o fascínio pela Análise de Discurso pecheutiana. Agradeço à banca, pela leitura e pelas contribuições.

*“Salve, meu corpo, minha estrutura
de viver
e de cumprir os ritos do existir!
Amo tuas imperfeições e maravilhas,
amo-as com gratidão, pena e raiva
intercadentes”.*

(Drummond, 1984).

RESUMO

Este trabalho tenta compreender o funcionamento da contradição discursiva em postagens do *Instagram* de mulheres de biotipo gordo e que resistem à estereotipação da beleza feminina. Para responder ao objetivo principal, descrevemos as relações discursivas presentes no material; refletimos sobre o espaço virtual como elemento essencial para condição de produção destes discursos e destacamos os mecanismos que indicam a contradição discursiva. Para evidenciar os mecanismos dos processos de significação, recorremos a saberes instituídos por Michael Pêcheux, Eni Orlandi, Freda Indursky, Maria Cristina Leandro Ferreira, Helena Nagamine Brandão, Andréia Pruinelli, que são importantes nomes nos estudos e pesquisas na área da Análise de Discurso materialista. Também recorremos aos conhecimentos cunhados por Pierre Lévy sobre a cybercultura, e aos autores Joana de Vilhena Novaes, Denise Bernuzzi Sant'anna e Georges Vigarello, para pensar a história, as transformações e as percepções das posições sociais sobre o corpo gordo. Na apreensão da materialidade ideológica, operamos recortes para compreender as posições de sujeito, os elementos que funcionam como condição de produção destes discursos e, por fim, qual a materialidade discursiva da contradição. No total, foram selecionadas seis publicações, cujas análises baseiam-se, num primeiro momento, em um olhar investigativo; posteriormente, na descrição do material e, depois, na análise discursiva propriamente dita, considerando aspectos semânticos e sintáticos. Mobilizamos, principalmente, os conceitos de sujeito, de discurso, de formação discursiva, de contradição, de resistência e de formação ideológica. Também por meio deles interpretamos a dinâmica de sentidos que permeiam as formações discursivas que chamamos de Formação Discursiva dos Estereótipos de Beleza e Formação Discursiva de Resistência. Os resultados apontam que a contradição discursiva está marcada justamente quando, no material analisado, as sujeitas reproduzem o discurso dos estereótipos, ainda que na tentativa de produzir outros sentidos, e/ou de romper com ele.

Palavras-chave: contradição; estereótipos; resistência.

ABSTRACT

This work tries to understand the functioning of the discursive contradiction in Instagram posts by women with a fat body type who resist the stereotyping of female beauty. To respond to the main objective, we describe the discursive relationships present in the material; we reflect on virtual space as an essential element for the production of these discourses and highlight the mechanisms that indicate discursive contradiction. To highlight the mechanisms of meaning processes, we resort to knowledge established by Michael Pêcheux, Eni Orlandi, Freda Indursky, Maria Cristina Leandro Ferreira, Helena Nagamine Brandão, Andréia Pruinelli, who are important names in studies and research in the area of Materialist Discourse Analysis. We also use the knowledge coined by Pierre Lévy about cyberculture, and the authors Joana de Vilhena Novaes, Denise Bernuzzi Sant'anna and Georges Vigarello, to think about the history, transformations and perceptions of social positions regarding the fat body. In apprehending ideological materiality, we make cuts to understand subject positions, the elements that function as conditions for the production of these discourses and, finally, what is the discursive materiality of the contradiction. In total, six publications were selected, whose analyzes are based, initially, on an investigative perspective; subsequently, in the description of the material and, then, in the discursive analysis itself, considering semantic and syntactic aspects. We mainly mobilize the concepts of subject, discourse, discursive formation, contradiction, resistance and ideological formation. Through them, we also interpret the dynamics of meanings that permeate the discursive formations that we call the Discursive Formation of Beauty Stereotypes and the Discursive Formation of Resistance. The results indicate that the discursive contradiction is marked precisely when, in the material analyzed, the subjects reproduce the discourse of stereotypes, even in an attempt to produce other meanings, and/or to break with it.

Keywords: contradiction; stereotypes; resistance.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
1.1. Um olhar afetuoso para os corpos femininos gordos	12
2. MATERIAL DE ANÁLISE – PUBLICAÇÕES DO INSTAGRAM	15
3. TEORIZAÇÕES E ANÁLISES: NOSSOS GESTOS DE LEITURA	20
3.1 A resistência para Análise do Discurso	20
3.2 A questão do sujeito (ou da sujeita)	23
3.3 Algumas considerações sobre as condições de produção	26
3.3.1 O espaço virtual como condição de produção	30
3.4 As análises mais propriamente ditas	33
3.5 A questão da contradição	49
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	54
REFERÊNCIAS	58

1. INTRODUÇÃO

São múltiplas, tanto as leituras quanto às possibilidades de estudar os textos, sempre em processo de criação e desenvolvimento de métodos e procedimentos que inovam e “bebem” das fontes de outros estudos para estruturar suas teorias e saberes. A análise de discurso pode ser pensada como uma dessas teorias. Especificamente, na abordagem materialista do discurso, não nos apegamos ao texto em si, mas, sim, em como ele pode significar de diversas maneiras e produzir efeitos de sentidos a partir de tomadas de posição discursivas x ou y, de acordo com o período sócio-histórico-cultural, com o funcionamento do ideológico. O que interessa ao analista de discurso é como, a partir do texto, podemos apreender os efeitos de sentidos presentes nos discursos, considerando as posições ideológicas em jogo na produção de discursividades.

Sobre a constituição da Análise de Discurso, Orlandi (2020, p. 17) nos diz que

Nos anos 60, a Análise de Discurso se constitui no espaço de questões criadas pela relação entre três domínios disciplinares que são ao mesmo tempo uma ruptura com o século XIX: a linguística, o Marxismo e a Psicanálise. A Linguística constitui-se pela afirmação da não-transparência: ela tem seu objeto próprio, a língua, e esta tem sua ordem própria. Esta afirmação é fundamental para a Análise de Discurso, que procura mostrar que a relação linguagem/pensamento/mundo não é unívoca, não é uma relação direta que se faz termo-a-termo, isto é, não se passa diretamente de um a outro. Cada um tem sua especificidade. Por outro lado, a Análise de Discurso pressupõe o legado do materialismo histórico, isto é, o de que há um real da história de tal forma que o homem faz história mas esta também não lhe é transparente. Daí, conjugando a língua com a história na produção de sentidos, esses estudos do discurso trabalham o que se vai chamar a forma material (não abstrata como a da Linguística) que é a forma encarnada na história para produzir sentidos: esta forma é, portanto, linguístico-histórica. Nos estudos [discursivos], não se separam forma e conteúdo e procura-se compreender a língua não só como uma estrutura mas sobretudo como acontecimento. Reunindo estrutura e acontecimento, a forma material é vista como o acontecimento do significante (língua) em um sujeito afetado pela história. Aí entra então a contribuição da Psicanálise, com o deslocamento da noção de homem para a de sujeito. Este, por sua vez, se constitui na relação com o simbólico, na história.

A Análise de Discurso tem seu início vinculado ao marco da “Análise automática do discurso (AAD)”, de Michel Pêcheux, o qual procura refletir sobre o sujeito

“descartado” no estruturalismo inspirado no Curso de Linguística Geral, de Ferdinand de Saussure. Por outro viés, apresenta o sujeito descentrado, distante do sujeito consciente que se pensa livre e dono de si. Trata-se, deste modo, de um sujeito marcado pelo inconsciente, materialmente constituído pela linguagem e interpelado pela ideologia.

É pensando nos métodos e procedimentos de leitura da Análise de Discurso materialista que nos guiamos para conduzir esta pesquisa. Cabe a este trabalho interpretar uma das muitas possibilidades de leitura e releitura dos textos (publicações), pois a Análise de Discurso não busca uma leitura única, a ideia de totalidade, mas uma leitura dentre muitas leituras plausíveis. Indagamos, portanto, sobre a contradição discursiva presente em publicações produzidas por mulheres gordas na rede social *Instagram*.

Na tentativa de compreender a materialidade da contradição, que reside na coexistência de duas Formações discursivas (Discurso dos Estereótipos de Beleza x Discurso de Resistência), buscamos, em pressupostos de Michael Pêcheux, Eni de Lourdes Puccinelli Orlandi, Freda Indursky, Maria Cristina Leandro Ferreira, Helena H. Nagamine Brandão o embasamento teórico para nossos gestos de interpretação, possibilitando a compreensão do material de análise.

Para compreender estes corpos, suas transformações ao longo da história e as posições sociais em que estiveram dispostos, nos baseamos nas produções dos autores Joana de Vilhena Novaes, Denise Bernuzzi Sant’anna e Georges Vigarello. A respeito do espaço virtual, recorreremos aos estudos de Pierre Lévy a partir da obra *Ciberespaço* com o objetivo de apreender as engrenagens e funcionamento deste espaço.

O ponto nodal do trabalho é compreender como funciona, discursivamente, a contradição em postagens do *Instagram* de mulheres de biotipo gordo que resistem à estereotipação da beleza feminina. Para responder esta pergunta de pesquisa, formulamos os seguintes objetivos: descrever as relações discursivas presentes no material; refletir sobre o espaço virtual como elemento essencial para condição de produção destes discursos; destacar os mecanismos que indicam a contradição discursiva e, por fim, compreender o funcionamento da contradição.

Sobre a composição do *corpus*, definimos critérios para seleção do material, que são: (i) publicações de mulheres de biotipo gordo, sendo pretas, pardas ou brancas; (ii) serem seguidoras de influenciadoras que defendem o padrão corporal próprio e/ou

defendem o movimento *body positive* (em resumo, um movimento de aceitação dos corpos reais, próprios e único de cada mulher), como as influenciadoras Thaís Carla e/ou modelos *plus sizes*. Após elencar os critérios, foi selecionado o material: um total de seis publicações.

Os gestos de leitura se organizam do seguinte modo: num primeiro momento, são observados todos os detalhes que compõem o texto imagético, verbal e *hashtags*, caso encontremos. Depois, descrevemos detalhes da publicação; num terceiro momento, analisamos os sentidos produzidos pelo enunciado, primeiro numa leitura “superficial” e, depois, numa análise detalhada, inclusive semântica e sintática. Neste movimento de interpretação, mobilizamos os conceitos da Análise de Discurso para explicar os sentidos produzidos em nosso material de análise.

A partir deste momento, operamos recortes no texto, a fim de organizar a correspondência à Formação Discursiva dos Estereótipos de Beleza e à Formação Discursiva do Discurso de Resistência.

1.1. Um olhar afetuoso para os corpos femininos gordos

Todo estudo nasce de uma ânsia do ser humano em busca do saber, saber sempre mais e algo novo. Ao defrontar-me com a produção de um artigo na disciplina de “Texto e Discurso”, ministrada por meu orientador, surgiu a curiosidade de investigar os discursos que exercem poder sobre os corpos femininos. De início, interessavam-nos os corpos gordos, que, incessantemente, eram bombardeados de comentários depreciativos, ofensivos, gordofóbicos e que deflagraram os efeitos de sentidos de um discurso vigente, o qual atribui valor e centralidade ao corpo magro, esbelto, por vezes malhado, com coxas e glúteos volumosos, barrigas esguias, sem celulites e estrias.

Desde a adolescência, era possível ver em programas como o “Pânico” na Band, ou em quadros no programa do Silvio Santos no SBT, ou as bailarinas de programas como “Domingão do Faustão”, entre outros, lindas mulheres, com corpos neste padrão, sendo expostas e associadas ao sinônimo de beleza, ou melhor, o único modo de simbolizar a beleza corporal feminina. Por vezes, em vídeos no “Youtube”, fotos de famosas que passaram por procedimentos estéticos, como as paniquetes da Band, ou fotos de outras “celebridades” eram comparadas com mulheres sem procedimentos,

sendo expostas para homens anônimos, aos quais se questionava quais delas despertava interesse, e a escolha, na maioria, era por essas mulheres padrão.

Este imaginário sempre nos instigou e levou-nos ao questionamento: e essas outras mulheres? Não são consideradas femininas? Dignas de afeto? Dignas de elogios? Dignas de olhares de cobiça, de desejo? Estas mulheres não são atraentes sexualmente?

Em outros momentos, deparamo-nos com comentários maldosos relacionados a duas figuras importantes para nós; duas mulheres pardas, uma baixa e outra alta, ambas vestiam 42, ambas casadas e com um filho(a). Essas mulheres recebiam comentários depreciativos dos familiares, amigos, conhecidos e de seus parceiros. Os olhares julgadores associavam seus pesos ao desleixo, à falta de amor próprio, à gula.

Em certos momentos, de tanto ouvir que estes corpos eram adoecidos, feios e não eram aceitos, vi-as também pronunciarem palavras depreciativas sobre seus próprios corpos. Talvez fosse/seja um modo de se esquivar e amenizar os impactos dos ataques verbais. Aqueles comentários eram irritantes. Quando ditos em nossa presença, rebatia-os com comentários positivos. Mas, infelizmente, as construções sociais e imaginárias incitavam-nas a recorrer à redução da alimentação, a caminhadas, chá emagrecedores e outros meios para emagrecer. Uma briga com a balança; a eterna luta pelo corpo perfeito.

A história é longa... Aqui, trazemos o essencial para o conhecimento de vocês, leitoras e leitores, dos fatores que movem nosso interesse pelo tema. Interessam-nos, sobretudo, a investigação por esses corpos que resistem, esses corpos transgressores, ou, dizendo numa linguagem coloquial, esses corpos que “comem pelas beiradas” e que tentam romper com a construção sociocultural e ideológica instituída.

Provavelmente, estejam se questionando: por que estudar o discurso de resistência e de estereotipação na rede social *Instagram*? Como dito anteriormente, vimos estas sujeitas ridicularizadas nos programas televisivos por meio do recurso “piada”, por meio do riso, e presencialmente, em ataques verbais, também por meio de piadas. Vimos a normalização dos discursos ofensivos e vimos as próprias sujeitas reproduzindo o discurso do outro, deixando ecoar em seu dizer o dizer outro. Por estarmos familiarizadas com a rede social *Instagram* e uma vez que, neste ambiente, circulam múltiplos discursos, achamos propício e oportuno investigar neste espaço. Conhecíamos a influenciadora Thais Carla, que defende ferozmente o corpo gordo e, anteriormente, a

Jojo Todinho, como popularmente é conhecida. Tínhamos muita curiosidade sobre o que encontraríamos, e achamos um acervo riquíssimo.

Durante o período de coleta de materiais, ao defrontar-nos com as publicações das sujeitas gordas, pela primeira vez, observamos um alto índice de sujeitas gordas defendendo seus corpos. Portanto, optamos por evidenciar corpos postos à margem, que, nesta pesquisa, convido a terem o poder da palavra, ou melhor, terem a palavra principal. Trago-as à centralidade. Aqui, o resistir inicia pelo convite destas sujeitas, e se institui discursivamente, marcando discursivamente e simbolicamente as sujeitas e todas as formas de beleza feminina.

O olhar que trazemos para este trabalho é afetuoso. Mesmo não sendo uma mulher gorda, somos atravessadas por estes saberes discursivos, de onde também vêm o nosso “apego” e curiosidade por saber mais.

2. MATERIAL DE ANÁLISE – PUBLICAÇÕES DO INSTAGRAM

Logo abaixo, apresentamos a sequência do material de análise: seis Sequências Discursivas.

Sequência Discursiva 1



Fonte: Instagram, perfil @juliasouzaj

Sequência Discursiva 2



Fonte: Instagram, perfil @jmirelecrisoliveira

Sequência Discursiva 3



Fonte: Instagram, perfil @eufabimodel

Sequência Discursiva 4



Fonte: Instagram, perfil @nandynhafofa

Sequência Discursiva 5



Fonte: Instagram, perfil @nandynhafofa

Sequência Discursiva 6



Fonte: Instagram, perfil @mayshozinni

As sequências discursivas foram coletadas na rede digital Instagram por apresentarem uma regularidade: materializam textos imagéticos de sujeitas gordas que discursivizam sobre estes corpos, abrigando uma contradição discursiva.

A SD1-@juliasouzaj apresenta uma sujeita gorda, cor parda, de cabelo liso, sentada no chão de um espaço que aparenta ser a área de uma casa. Ao fundo, temos lençóis nas cores azul, rosa e amarelo estendidos. Trajada com um biquíni de cor branca com manchas arredondadas pretas, usando um colar e pulseiras, posa sorridente em frente a um espelho no qual está escrito na cor vermelha: “Você é muito + do que vê no espelho” (dois corações ao lado). No texto verbal, temos a repetição da frase.

Na SD2-@jmirelecisoliveira, temos uma sujeita gorda, de cor parda, cabelo liso, trajada com biquíni, em um espaço que aparenta ser o quintal ou área de uma casa. Ao fundo, temos algumas plantas, uma janela com outra pessoa que não foi identificada. A sujeita toma banho de mangueira, sorridente e diz no texto verbal: “São Os Defeitos Do Seu Corpo Que Te Fazem Ser Quem Você é. Aprenda a Apreciá-los!”. Abaixo são registradas algumas *hashtags*: #banho; #livredepadrões; #liberdade; #mulhergg; #mulherplusize; #padrõesdebeleza; #mulherempoderada; #sempadrões; #gordinha; #plussizebrasil; #gordinhalinda.

Na SD3-@eufabimodel, a sujeita negra, de cabelos cacheados, posa de biquíni de estampa amarela na parte inferior e colorida na parte superior, estando situada na praia do Flamengo. Sorridente, no texto verbal diz: “Tenhamos orgulho do nosso corpo, independente de como ele FOR! (Emoji de coqueiro e coração). É utilizado o recurso de marcar perfil, @leosalorbrf @jonisson.fotografo79 @vaitergorda @garota_plus.

A próxima publicação, SD4-@nandynhafofa apresenta uma sujeita sorridente, posando para foto tirada em seu celular de capa vermelha, usando um *cropped* preto, com um short com estampa *animal print* (onça), situada em um espaço que aparentar ser uma sala. No texto verbal é dito: “você só precisa provar a vc mesma que não precisa provar nada a ninguém!. Abaixo encontramos o uso de algumas *hashtags*: #gordas; #gorda; #gordalinda; #gordapode; #gordasexy; #gordasimedai; #gordagostosa; #gordapodesim; #empoderamentofeminino; #plusizebrasil; #plusfashion; #plussizemodel; #plus; #plussizecurves; #influencerplus; #fotografia; #foto; #fotos.

Na SD5-@nandynhafofa- a sujeita gorda, de cor parda e cabelo liso preto expõe na foto um recorte de seu corpo, apenas a parte superior, no qual podemos ver o *cropped* preto que realça seu decote, o cabelo jogado para o lado e seu braço direito que possui

algumas tatuagens identificáveis (uma borboleta e algumas flores). Esta é uma das sequências de foto publicadas. No texto verbal é dito: “Numa sociedade que lucra com a nossa insegurança, gostar de si mesma é um ato de rebeldia. Arrasta pro ladinho (emoji de carinha apaixonada)”. Em seguida são utilizadas algumas *hashtags*: #gordalinda; #gordapode; #gorda; #gordinhas; #gordafeliz; #gordinhalinda; #gordasexy; #gordaempoderada; #gordinhasgostas; #gordita; #plussizemodel; #plussize; #plus; #plussizebrasil; #plussizefashion; #plussizecurves; #plussizelinda; #model; #modafeminina; #moda; #modeloplus; #modelofotografica; #modeloplussizebrasil; #modeloplussize; #modeloplussizefashion. Logo após ela marca um perfil: @recriarlingerie plus.

Por fim, na SD6-@mayshozinni, a sujeita gorda, de cor parda, posta a foto de um recorte do seu corpo no qual podemos visualizar a parte central, excluindo a cabeça e parte das pernas. Podemos observar o uso de uma blusa curta, semelhante a um *cropped*, na cor prata, e o uso de um short curto na cor marrom. A foto é tirada em frente ao espelho em um ambiente que aparenta ser um banheiro. No texto verbal, ela diz: “Estrias, celulites e “imperfeições” tão perfeitas” (emoji de coração roxo). Em seguida, é marcado um perfil: @recriarlingerie plus.

3. TEORIZAÇÕES E ANÁLISES: NOSSOS GESTOS DE LEITURA

3.1 A resistência para Análise do Discurso

Pensar os corpos femininos gordos é entendê-los como um espaço de transformações, mudanças nas relações sociais, que significam como práticas discursivas, que apontam posições nas relações ideológicas. A relação do sujeito com a ideologia, para a Análise de Discurso, realiza-se por meio da interpelação. Ao ocupar uma posição discursiva, o sujeito deixa de ocupar algumas outras, sendo sujeito a/de determinada Formação Discursiva.

O modo como socialmente são organizadas as distintas forças sociais determina as Formações ideológicas, materializando as diferentes Formações Discursivas. São as Formações Discursivas que determinam o que pode ou não ser dito de acordo com uma dada Formação Ideológica (Pêcheux; Fuchs, [1975] 2014).

Compreender os sentidos imbricados nesses corpos e nos discursos proferidos por estas sujeitas transita por um construto sócio-histórico ideológico e nas tramas do discurso. Cabe ao sujeito no/pelo discurso manifestar, conscientemente ou não, o caráter ideológico ao qual está submetido. Seu discurso constitui-se do entrecruzamento de discursos divergentes e semelhantes.

O material analisado exemplifica como há a ilusão da univocidade e evidência, pois o sentido não é transparente. O discurso abriga o caráter heterogêneo, caracterizando os sentidos moventes, para além das “vozes” discursivas, caracterizando a contradição histórica. Este efeito contrário é parte do processo discursivo, funcionando sempre entre o dito e o que pode ser dito, o não-dito, suscetível aos lapsos, aos furos no dizer, às falhas, aos deslizes, à divisão no/dos sentidos, à divisão do sujeito. A contradição, portanto, é elemento necessário e essencial para que o sentido seja produzido.

O real da língua está materialmente lá, instituído, não sendo produto de uma consciência humana, mas resultado dos efeitos ideológicos e históricos da linguagem. A partir deste entendimento, buscamos explicitar a resistência segundo os pressupostos de Pêcheux. O primeiro passo, é distinguir que a resistência trabalhada na Análise de Discurso diverge da terminologia no seu uso cotidiano, dito de acordo com o sentido dicionarizado. De mesmo modo, é impreciso determinar a resistência sem compreender os múltiplos fatores que determinam a produção deste conhecimento, e que deflagram e

instituem o conceito.

Segundo Pruinelli (2020, p. 255), “resistir é aproveitar todas as brechas, rachaduras, abertas pela discursividade e, nesses espaços, tecer sentidos/discursos outros possíveis. E é justamente pelas fendas abertas/deixadas pela dominação que o resistir se molda”. Observamos que a resistência não será necessariamente movida pelo enfrentamento, atrito, ou centralidade do sujeito, visto que o sujeito é produto da ideologia e do inconsciente, ou seja, o sujeito na história e não o sujeito da história.

Além disso, não consideramos a posição ideológica de um grupo contra o outro. O que interessa, portanto, é analisar o movimento dos sujeitos com o sentido e seus efeitos na história, sempre conscientes que nas lutas de classes há a ausência de equilíbrio e igualdade entre as partes. Portanto, tratamos do estudo da linguagem, dos sentidos e do processo histórico.

Ainda para Pruinelli (2020, p. 255), “a resistência, pois, no âmbito discursivo, se dá porque os interesses que permeiam a luta de classes são variados e estes são reconhecidos pelas filiações ideológicas e inconscientes do sujeito, quando estes se associam a determinadas FDs.”

Na produção “Delimitações, inversões, deslocamento”, Michel Pêcheux ([1982]1990) trabalha a resistência por meio do estudo dos discursos dos movimentos revolucionários, mobilizando as seguintes noções: o visível e o invisível, o existente e o alhures, o não realizado ou o impossível, o presente e as modalidades de ausência. E faz essa discussão baseado em três revoluções: a revolução burguesa de 1789; revoluções socialistas do séc. XIX, e, por fim, as revoluções proletárias do séc. XX.

Neste movimento discursivo, o leitor apreende a materialidade da língua e os efeitos de sentidos a partir deste lugar de deslocamento e do sentido que sempre pode/ é outro, das possibilidades reais e realizáveis na linguagem. Essa discussão sobre resistência, então, “[...] supõe o reconhecimento de que não há ritual sem falha, desmaio ou rachadura” (Pêcheux, [1982]1990, p.17).

O autor problematiza a relação entre a ideologia dominante e as dominadas, o funcionamento destas no seio social, gerido por hierarquias e classes desiguais. Problematiza em seu construto a igualdade entre os sujeitos, que estes gozam dos mesmos direitos. “[...] as ideologias dominadas se formam sob a dominação ideológica e contra elas, e não em um ‘outro mundo’, anterior, exterior ou independente” (Pêcheux, [1982]1990, p. 16).

A resistência não ocorre num outro lugar, mas, sim, sob a própria dominação ideológica. A resistência, portanto, instaura-se na contradição, na falha no ritual de interpelação ideológica, no trabalho da construção das evidências. É pela resistência que possibilitamos múltiplos gestos interpretativos e distintas leituras dos discursos, desnaturalizando os sentidos e problematizando-os. Em resumo, sendo o equívoco o real da língua e assim a viabilidade do sentido ser sempre outro, temos, portanto, a contradição como real na história e a eventualidade da falha no ritual.

Pruinelli (2020, p. 255) entende que

As diferenças, as resistências, portanto, aparecem no confronto, pela afirmação e/ou negação de determinados saberes, permitindo o ecoar das distintas vozes, movidas pela contradição e possibilitando o equívoco. A partir disso, vislumbramos, no fio do discurso, diferentes interpretações, que passam a produzir e a processar sentidos.

Discurso e corpo estão imbricados neste estudo. Assim, o corpo está vinculado aos efeitos sociais, históricos e ideológicos, pois seus efeitos derivam de terminações provenientes dos saberes produzidos em Formações Discursivas. Orlandi (2004, p. 124) refere que há, “de um lado, a tentativa (vã) de enquadrar o corpo e seus limites, de outro, agora voltado para fora, o da denúncia de um mal estar simbólico em seu confronto com o político, uma forma de reivindicação”.

Os corpos das sujeitas aqui estudados rompem com o pré-construído, indicando a falha no ritual, quando estão trajadas em roupas como o biquíni que socialmente está convencionado como sinônimo de beleza em corpos esbeltos. Estes corpos são objetos discursivos e politizadores ao estarem expostos em uma rede social, e as sujeitas demonstrarem bem-estar, contrapondo-se com os saberes hegemônicos, isto é, o movimento de vergonha, raiva, tristeza é substituído por um movimento de valorização e amor a este objeto-corpo que foi convencionado a ser odiado. É o resistir ao mesmo, produzindo um sentido contrário, abrindo a fissura no discurso e instituindo um movimento polissêmico.

Discursivamente, a Formação Discursiva dos estereótipos de beleza diz: “este corpo não deveria estar aqui, com esses trajes”; “não fica bem em você”, “você é gorda”; “você não deveria estar feliz se expondo”; “este corpo é feio”. Portanto, há a resignificação do entendimento do que é permitido e possível para estes corpos. Assim, entendemos que o texto do corpo funciona como uma forma de produção, circulação e formulação de sentidos (Orlandi, 2005b).

Percebemos, portanto, que o corpo enquanto discurso estabelece a produção de

efeitos de sentido sobre o próprio sujeito-enunciador, e não apenas por meio da língua. Essa construção do eu-sujeito enunciador relaciona-se diretamente com particularidades das modalidades de subjetivação, relacionados diretamente com os esquecimentos um e dois e, também, com as condições de produção, demonstrando o caráter da incompletude na constituição do sujeito e do dizer.

De acordo com Ferreira (2011, p. 98), o corpo (do) real, o qual não foi simbolizado, sendo “aquilo que, resistindo à simbolização, instaura uma falta (falha) que o sujeito tenta inutilmente sanar através de um deslizamento incessante de significações (imaginárias)”. O corpo pode ser pensado como o lugar pelo qual observamos o sujeito; Leandro-Ferreira (2013, p. 78) pensa o corpo “[...] enquanto corpo discursivo, não empírico, não biológico, não orgânico [...]”, entendido, assim, “[...] como materialidade que se constrói pelo discurso, se configura em torno de limites e se submete à falha”. São as brechas e fissuras no ritual de interpelação que permitem a ruptura dos construtos sociais e ideológicos, onde materializa-se o equívoco, a contradição necessária aos processos de significação. “Onde há corpo há historicidade, onde há historicidade há memória e onde há memória há esquecimento” (Leandro-Ferreira, 2013b, p. 132).

3.2 A questão do sujeito (ou da sujeita)

Pensando no assujeitamento, segundo a Análise de Discurso, somos sempre sujeitos, e isto ocorre devido ao fato de que, socialmente, culturalmente e historicamente sempre ocupamos posições dentro da organização social.

Conforme nos ensina Orlandi (2009, p. 35-36), “quando nascemos, os discursos já estão em processo e nós é que entramos nesse processo. Eles não se originam em nós. [...] Por isso é que dizemos que o esquecimento é estruturante.”. Isto significa que o sentido não está preso à literalidade, mas, como fórmula Pêcheux (1995, p. 160), “[...] ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas (isto é, reproduzidas).

Pelo caráter ideológico, nos posicionamos em diferentes instâncias sociais, e esses diferentes lugares sociais e discursivos propiciam o contato com “verdades” que dependem do lugar do qual interpretamos, interpretações estas (im)possíveis segundo a(s) ideologia(s) a que nos filiamos. Assim, é viável dizer que a posição de sujeito é um lugar do que é permitido; é um lugar porque materializa a formação discursiva na qual o

“indivíduo” se constitui como sujeito, validando esta “sua” posição. A posição de sujeito indica o lugar a partir do qual o sujeito enuncia e, assim, o significa enquanto sujeito, constituindo quem ele é, sua “identidade”.

Entendemos, então, que a posição de sujeito traz à tona uma memória discursiva, atualizando os discursos proferidos historicamente. Pensando isto no específico de nosso trabalho, podemos dizer que, a título de exemplificação, que quando uma sujeita¹ gorda preta X enuncia “eu amo o meu corpo”, esta sujeita gorda preta, do século XXI, da região X, pertencente à classe social Y, atualiza no seu dizer o já-dito, traz o movimento de repetibilidade discursiva, jogando entre o retorno ao dito e a produção de novos sentidos.

O dizer não é propriedade particular. As palavras não são só nossas. Elas significam pela história e pela língua. O que é dito em outro lugar também significa nas “nossas” palavras. O sujeito diz, pensa que sabe o que diz, mas não tem acesso ou controle sobre o modo pelo qual os sentidos se constituem nele. Por isso é inútil, do ponto de vista discursivo, perguntar para o sujeito o que ele quis dizer quando disse “x” (ilusão da entrevista *in loco*). O que ele sabe não é suficiente para compreendermos que efeitos de sentidos estão ali presentificados (ORLANDI, 2020, p. 30)

Nesta confluência de produção e reprodução dos sentidos, são trabalhados os esquecimentos no sujeito, a relação dialógica, a relação da exterioridade e a ideologia. O dizer é irrepitível ao pensarmos o espaço, o tempo e o sujeito que produz, porém, ao mesmo tempo, sempre se recuperam os sentidos, uma relação de “diálogo” entre o já-dito e o que pode ser dito.

Os discursos, se couber uma comparação, seriam como uma teia: interligada, complexa, no qual estão sempre discursos outros, fronteiros, dialogando com suas oposições ou semelhanças, e o sujeito não tem conhecimento sobre essa relação, porque os efeitos ideológicos são imperceptíveis a ele.

¹Para Fernandes (2008, p. 33) o sujeito é “constituído por diferentes vozes sociais, é marcado por intensa heterogeneidade e conflitos, espaços em que o desejo se inter-relaciona constitutivamente com o social e manifesta-se por meio da linguagem”. Orlandi (2001, p. 20), de seu modo, entende que o sujeito é “[...] o sujeito de linguagem [e que] é descentrado pois é afetado pelo real da língua e também pelo real da história, não tendo o controle sobre o modo como elas o afetam. Isso redundaria em dizer que o sujeito discursivo funciona pelo inconsciente e pela ideologia”. Destaco que, em todo trabalho, me refiro ao sujeito de dois modos (sujeito(s)/ sujeita(s)). Esse movimento de modificar o conceito, usando-o no feminino se baseia unicamente pelo fato de serem seis mulheres que estão em evidência. Sendo corpos femininos, decidimos referir-nos concordando em gênero e número gramaticalmente, portanto, sujeita(s). Quando utilizando a terminologia usualmente (sujeito/s) é para referir-nos aos sujeitos de modo geral, genérico.

Se pensarmos pela perspectiva do esquecimento número um – o que Orlandi (2020) vai chamar de esquecimento ideológico – trazemos o apagamento dessa relação histórica, fazendo com que o sujeito acredite ser dono do seu dizer, sempre produto do agora. Para Pêcheux (1995, p. 173), o esquecimento um é de ordem do ideológico e do inconsciente, e “[...] dá conta do fato de que o sujeito-falante não pode, por definição, se encontrar no exterior da formação discursiva que o domina”.

No material analisado, nos defrontamos com sujeitas que apresentam formulações discursivas contraditórias nas mesmas Sequências Discursivas. Em todas as sequências, como brevemente nos referimos no final do capítulo anterior, há o movimento de quebra do discurso: quando as sujeitas enunciam a respeito de seus corpos na perspectiva de valoração, aparece, de modo atravessado, o discurso dos estereótipos invalidando/contestando essa beleza. Assim, entendemos que os efeitos de sentidos do discurso de estereotipação “invadem” as fronteiras discursivas da Formação Discursiva da resistência, demonstrando como é tênue, heterogênea e não definida de uma vez por todas esse espaço fronteiro das formações discursivas. De acordo com Pêcheux ([1975]1988, p. 161), “Os indivíduos são ‘interpelados’ em sujeitos-falantes (sujeitos de seu discurso) pelas formações discursivas que representam ‘na linguagem’ as formações ideológicas que lhes são correspondentes”.

O nosso material de análise apresenta, predominantemente, esta regularidade: as postagens são produzidas por mulheres de biotipo gordo que apoiam a liberdade de corpos e que fogem das exigências sociais sobre a beleza feminina. Estes enunciados não significariam do mesmo modo se fossem enunciados por mulheres magras, por mulheres trans, ou por homens e assim sucessivamente, porque o sentido produzido nesses posts é mobilizado e significa assim e não de outro modo devido também às sujeitas que os dizem, no sentido de que a posição do sujeito é condição de produção do discurso produzido. “Devemos lembrar que o sujeito discursivo é pensado como ‘posição’ entre outras. Não é uma forma de subjetividade mas um ‘lugar’ que ocupa para ser sujeito do que diz” (Orlandi, 2020. p. 47).

A pessoa que posta, portanto, não é o objeto central, mas, sim, o discurso proferido por ele, o que revela a sua ideologia e a qual formação discursiva ele pertence. O sujeito é afetado pelos acontecimentos sócio-históricos. Deste modo, é compreensível que os discursos produzidos pelas sujeitas não são um ato individual, mas uma realização coletiva, no sentido de serem realizados a partir de posições comuns, por se

tratar de relação ideológica na qual estão conectadas pelo fio ideológico de determinada FD.

A identidade destas sujeitas, se quisermos pensar nesse aspecto, é compreendida como plural. Não é fixa, estando, pois, em constante processo de produção. Para identificar a posição ocupada pelo sujeito, devemos observar a qual formação discursiva ele se opõe. Neste material, especificamente, as usuárias sujeitas se opõem à estereotipação dos corpos, que representa o outro discurso presente nestas publicações. Esta contradição é manifestada no plano linguístico dos enunciados. A textualização da ideologia dos estereótipos dos corpos feminino indicia a presença de outras “vozes” discursivas, outras posições de sujeito, indicando, portanto, uma contradição discursiva.

3.3 Algumas considerações sobre as condições de produção

Como temos dito, as discursividades presentificadas nos materiais que compõem o *corpus* analítico de nosso estudo demarcam duas tomadas de posição discursivas, ou melhor, dois processos discursivos que se relacionam a duas Formações Discursivas, a dos Discursos dos Estereótipos de Beleza e a dos Discursos de Resistência. Em ambos processos, aciona-se, como é pressuposto pela Análise de Discurso, um jogo imaginário e, necessariamente, retoma-se o interdiscurso, isto é,

O saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra. O interdiscurso disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada (Orlandi, 2020, p. 29).

Para entender por que as palavras significam de um modo ou outro na “fala” de uma sujeita gorda, devemos compreender como ser um sujeito gordo significou em outros momentos históricos. É necessário acessar essa memória coletiva, histórica e ideológica para entender o que condiciona a produção deste emaranhado de sentidos.

Segundo Orlandi (2020, p. 28-29)

As condições de produção compreendem fundamentalmente os sujeitos e a situação. Também a memória faz parte da produção do discurso. Podemos considerar as condições de produção em sentido estrito e temos as circunstâncias da enunciação: é o contexto imediato. E se as considerarmos em sentido amplo, as condições de produção incluem o contexto sócio-histórico, ideológico.

Como diz Brandão (2002), “é a memória discursiva que torna possível a toda formação discursiva fazer circular formulações anteriores, já enunciadas”. Dito isso, pensemos no corpo enquanto construção social, isto é, como discurso. Nesse sentido, também a beleza é simbólica e cultural. Dito isso, podemos entender que, por meio de “acordos” sociais, “escolhemos” os corpos merecedores de aceitação, de amor, de desejo e, conseqüentemente, aqueles que não merecem, os que significam na exclusão, como objeto de ódio e de repulsa. Desde o século XVIII, de acordo com Sant’Anna (2016), a ideia do corpo gordo adoecido vem sendo instituída, principalmente por meio do desenvolvimento da medicina, que criminalizou pouco a pouco o “indesejável” fardo do excesso de gordura corporal. No século seguinte, a discussão a respeito do tema adquire maior visibilidade, pois os moldes sociais exigem corpos que exibiam silhuetas definidas, em contrapartida, condenava corpos que não se encaixam nestes moldes (Sant’Anna, 2016).

Estar “em forma” era necessário para atender ao padrão de beleza do século XX, durante o qual os corpos² eram expostos nas praias. Para isso, dietas eram um método recorrente entre as mulheres, tendo, então, seu uso disseminado. Em oposição, os corpos gordos eram associados a termos pejorativos como: “esferas, bolas, boias, baleias”. Para Sant’Anna (2005, p. 12), “O corpo é, ele próprio, um processo. Resultado provisório das convergências entre técnica e sociedade, sentimentos e objetos, ele pertence menos à natureza do que à história.”

Gordura e monstruosidade se tornam sinônimas nas feiras, circos e *freak show* (show de aberrações) nos quais os corpos em extrema obesidade eram expostos como novidade, curiosidade, algo a ser visto. Sobre isso, Vigarello (2012, p. 298) nos diz que “A existência do muito gordo já não passa de um desvio, um descaminho: sua aparência é apenas monstruosidade”.

Historicamente, somos condicionados a estabelecer esta relação. Se hoje, na atualidade, temos a necessidade de reafirmar discursivamente que estes corpos não são “diferentes” ou “inferiores” é devido à relação com o discurso vigente e hegemônico, que funciona como pré-construído, naturalizando, portanto, o corpo gordo na condição de um objeto abominável, exótico, que é palco para exposição, para o riso, para comparação.

² Orlandi (2004, p. 124) refere que há, “de um lado, a tentativa (vã) de enquadrar o corpo e seus limites, de outro, agora voltado para fora, o da denúncia de um mal estar simbólico em seu confronto com o político, uma forma de reivindicação”

No século XX, os shows de monstruosidade saem da centralidade dando lugar aos procedimentos que permitem alcançar o corpo magro, o que incide na marginalização do corpo gordo. O foco é, portanto, a possibilidade de tratá-lo clinicamente. Ser magro não é mais um aspecto estético, ou uma necessidade de se encaixar socialmente, pois trata-se de uma responsabilidade do sujeito consigo; isto é, é da ordem do cuidado com a saúde. Assim, há uma pressão social, estigmas e estereótipos disfarçados no discurso de cuidado com a saúde. É produzido um confronto, ocorre a comparação entre os corpos e o resultado daqueles que não conseguem se adequar às novas exigências (o emagrecimento para o bem da saúde) denota um fracasso na transformação deste sujeito. “O que a obesidade revela é, na verdade, um fracasso em se transformar” (Vigarello, 2012, p. 300). Propagandas denunciavam os efeitos negativos da gordura ao intestino e outros órgãos, como o coração. Logo, a gordura era prejudicial pois acarretaria a diminuição dos anos de vida dos sujeitos.

Segundo Sant’ Anna (2016, p. 72), “entre os anos de 1930 e 1940, enfatizou[-se] a ideia de que ‘engordar é envelhecer, é perder a elegância e a esbelteza’ [o que] começou a se espalhar nos conselhos dirigidos às mulheres e em artigos sobre higiene e saúde.”

A busca por cinturas delineadas, o emagrecimento associado aos regimes e, por vezes, a exercícios apontam para mudanças na rotina alimentar, dando mais visibilidade a conselhos sobre alimentos específicos para o processo de emagrecimento, o que nos anos seguintes, aproximadamente 1970, apontam para a condenação dos excesso de gordura abdominal femininas e masculinas, condenando-as ao desleixo ou descuido. Assim, “[...] nos anos de 1950, a imagem da balança como aliada da saúde já fazia parte de numerosas reportagens sobre moda, beleza, saúde e esportes de ambos os sexos” (Sant’anna, 2016, p. 80).

Além dos medicamentos aliados a chás e regimes, em maioria em conjunto com exercícios físicos, outro aliado do emagrecimento surge, a lipoaspiração, que compõe este conjunto de soluções para o problema de “ser gordo”. A lipo, de acordo com Sant’Anna (2016), começou a ser noticiada nos Congressos Brasileiros de Cirurgias Plásticas a partir de 1983, como a novidade que não deixava cicatrizes. É necessário frisar que muitos discursos circulavam sobre os corpos e, nesta transição, estava sendo desconstruída a imagem positiva do gordo associado à estabilidade financeira com acesso à boa alimentação e fartura, que ainda circulava com mais aceitação, e moldando

o que viria a ser a imagem dominante, isto é, a percepção do gordo como feio, como problemático, como doente, enfim, como indesejável.

O vocábulo psicanalítico banalizou-se depois dos anos 1960, atingindo o centro das problematizações sobre o peso, doravante visto como uma figura com carência afetiva, falta de estima e apoio. Frustrações e distúrbios emocionais ganharam espaço entre as causas dos distúrbios alimentares, os quais, por sua vez, podiam desencadear a obesidade (Sant'Anna, 2016, p. 112).

Na alta-costura, os corpos gordos não tinham muita, ou quase nenhuma representatividade devido ao fato, por exemplo, de as mulheres magras serem associadas à sofisticação, enquanto as mulheres gordas eram excluídas das publicidades de roupas e produtos de beleza.

Segundo Novaes (2006, p.17):

Na contemporaneidade, ao contrário, o corpo idealizado é o corpo do consumo. Liberado da submissão à máquina produtiva que disciplina seus desejos, no entanto, o sujeito é inserido nas engrenagens de um sistema de consumo que lhe impõe ter desejos. Desejos que não deverão ser nunca satisfeitos, pois é do desejar sempre mais, sempre outra coisa, que esse sistema de consumo se alimenta. Já não se trata da máquina de produção que se alimentava de corpos, mas da lógica do consumo que alimenta sujeitos nunca saciados. Com isso, no lugar do indivíduo anônimo, se instala o valor do indivíduo diferenciado, que se destaca dos outros, de imediato, pela sua aparência. Uma aparência da qual se assume ser a vitrine mais evidente e inequívoca do sujeito. Eis-nos em pleno domínio da ditadura da aparência.

Não estamos presos somente à dicotomia sobre um corpo bonito e feio, mas à possibilidade de sermos e termos este corpo belo segundo os estigmas da sociedade atual, porém, e a também à possibilidade de fracassar justamente por não conseguir tê-lo. O fracasso é este: o de não alcançar a beleza, de permanecer feio mesmo com tantas possibilidades e procedimentos. É uma sociedade marcada pela constante vontade de desejar e da comparação, com o outro, com o que posso ser, deveria ser, ou com aquilo que a sociedade exige e impõe ao sujeito e aos corpos. Ainda segundo Novais (2013, p. 28) “[...] a beleza tornou-se um dever moral (se realmente quiser, eu consigo). O fracasso não se deve mais a uma impossibilidade mais ampla, mas a uma incapacidade individual”.

Notamos como as diferentes instâncias impõem ditames para o corpo feminino. Os corpos gordos são vistos como desleixo. O fardo dos estigmas está posto sobre essas

sujeitas. O corpo³ é visto pela sociedade no século XXI como um objeto moldável que está em constante transformação mas nunca é o suficiente; há sempre algo a ser melhorado ou mudado. São impostas formas e/ou fôrmas. Nesta perspectiva, o corpo gordo pode ser um corpo transgressor, porque foge desta regra, mas, ao mesmo tempo, está posto à margem de acordo com a ideologia dominante que naturaliza no imaginário social a imagem de um corpo padrão.

3.3.1 *O espaço virtual como condição de produção*

No espaço virtual, nos defrontamos com os mais variados sujeitos de diferentes espaços geográficos, cores, gêneros, classes e distintos biotipos; além desses aspectos, há também os mais variados discursos que se (re)produzem. Ou seja, o espaço virtual é um espaço discursivamente heterogêneo assim como em outros espaços, porém, vigora a predominância dos padrões corporais femininos exigidos socialmente, e também uma pressão histórica para enquadrar mulheres em uma estrutura que delinea suas funções, escolhas, posições e, sobretudo, seus corpos. Dito isto, nas redes sociais, há uma intensificação daquilo que é (re)produzido fora delas, devido suas funcionalidades e ferramentas características. Portanto, o virtual assume algumas especificidades, como, por exemplo, a facilidade de se postar aquilo que convier ao sujeito digital, a rapidez para se comunicar, a praticidade de conectar-se a perfis com afinidades, as famosas bolhas e outras possibilidades

A sensação de autonomia de regular aquilo que deseja publicar traz ao sujeito digital a ilusão de total liberdade. Além disso, este tem a possibilidade de estar super exposto ou escolher o suposto anonimato. Portanto, aquilo que normalmente não é dito no *off-line*, devido aos freios sociais, parece para muitos sujeitos poder ser dito, abertamente, nas redes sociais.

Na pesquisa empreendida, como já dissemos, a rede social “Instagram” serviu para selecionar o material de análise, as publicações das sujeitas gordas. Partindo da concepção do “Instagram” como um espaço real, circula uma gama de discurso sobre as mulheres, suas atribuições sociais e (pre)conceitos, e também circulam discursos sobre ser um sujeito gordo.

Quando temos a junção destas duas “características”, isto é, ser mulher e ser gorda, também sobre essa sujeita (mulher gorda) há divergentes maneiras de perceber as

³ “O corpo é o lugar material em que acontece a significação, lugar de inscrição, manifestação do grafismo. Pintura. Texto” (Orlandi, 2004, p. 121).

sujeitas e seus corpos. De toda as possibilidades, nos interessam duas “visões”, isto é, duas interpretações, sempre ideológicas: (i) conceber o discurso produzido por sujeitas gordas numa perspectiva de resistência, pois rompem com um construto de anonimato destes corpos, rompem com a marginalização social das mesmas. Resistir para restituir o imaginário do feminino gordo, numa vertente de valoração, autoamor e militância. E é de nosso interesse, também, pensar a ideologia do feminino gordo que sofre o processo de idealização do oposto, vendido midiaticamente, exposto por *influencers*, estampado em revistas, tão vislumbrado nas academias, buscado incansavelmente por meio de procedimentos cirúrgicos. Além deste discurso que naturaliza a associação entre beleza exterior e saúde como sinônimos, também esta imagem (ii) do corpo gordo como sinônimo de desleixo, nos interessa pensar. No mais, atravessa nosso material o discurso do fracasso da feiura, isto é, como uma incapacidade individual e moral de evoluir, apesar de uma gama de ferramentas “disponíveis” para alcançar beleza vendida socialmente.

Sabendo que são discursos contraditórios e produzidos pelas mesmas sujeitas digitais nas mesmas publicações e divulgados no espaço virtual Instagram, indagamos: quais ferramentas e mecanismos permitem que esses discursos circulem deste modo e não de outro no Instagram? Como o virtual contribui para que as sujeitas exponham suas posições ideológicas? Como se constituem as teias discursivas (dos discursos supracitados) neste espaço?

O virtual, segundo Lévy (1999, p. 47) “[é] toda entidade ‘desterritorializada’, capaz de gerar diversas manifestações concretas em diferentes momentos e locais determinados, sem contudo estar ela mesma presa a um lugar ou tempo em particular”. Ainda de acordo com o autor, “O virtual é uma fonte indefinida de atualizações” (Lévy, 1999, p. 48).

Contudo, apenas as particularidades técnicas do ciberespaço permitem que os membros de um grupo humano (que podem ser tantos quantos se quiser) se coordenem, cooperem, alimentem e consultem uma memória comum, e isto em quase em tempo real, apesar da distribuição geográfica e da diferença de horários (Lévy, 1999, p. 49).

No “Instagram”, os sujeitos digitais possuem a opção de compartilhar conteúdo com os seguidores ou para contatos no “Whatsapp”, postar, mencionar, marcar, utilizar *hashtags*, recursos imagéticos, recursos verbais. Podem também participar de grupos,

publicar os *stories* para todos os amigos ou apenas para os melhores amigos, usar figurinhas, fazer vídeo chamada, ligações, silenciar os usuários de quem você não deseja visualizar as publicações na sua *timeline*. Os *stories* podem virar *heel*. Pode-se editar publicações, excluir conteúdo ou mensagens, utilizar filtros e efeitos nas fotos, adicionar músicas e frases nos stories. Enfim, entre outras inúmeras ferramentas disponíveis.

Também estas funcionalidades do espaço virtual, segundo compreendemos, condicionam como a forma-usuária-sujeita-gorda estará posta e vai interagir. Dizemos, portanto, que as sujeitas produzem seu dizer partindo das “suas” concepções ideológicas, isto é, de acordo com as Formações Discursivas nas quais se constituem sujeitas, mas adequando seu discurso ao espaço virtual, dentro das regras e limites do virtual, mais especificamente, de acordo com as normas do “Instagram”, pois, dependendo da rede social, há algumas diferenças no uso e dos recursos disponíveis. Assim, é válido afirmar que o “Instagram” é um dos fatores condicionantes na produção de ambas tomadas discursivas (da resistência e dos estereótipos), pois o espaço virtual é compreendido como uma das condições de produção.

O efeito de sentido se dá na relação imaginária entre os sujeitos, como formulou Pêcheux ([1969] 1997), mas também com o espaço. Sendo assim, o espaço é elemento constituinte das relações discursivas, porque condiciona a produção dos discursos. Nas seis publicações analisadas, as sujeitas utilizam alguns recursos recorrentes e simples do “Instagram” para constituir o efeito de sentidos dos seus discursos, que são eles: na Sequência Discursiva 1- texto verbal e *emoji* de coração; na 2- texto verbal e *hashtags*; na 3- texto verbal, *emoji* e foram marcados alguns perfis; na Sequência Discursiva 4- texto verbal e *hashtags*; na 5- texto verbal, *hashtags*, marcou outro perfil e utilizou *emoji*; por fim, na 6, foram utilizados texto verbal e *emoji*.

Se as sujeitas gozam de recursos diversos como o pleno uso das imagens de seus corpos, de textos verbais, de *hashtags*, de figuras ou o recurso de marcar outros perfis para expressarem-se discursivamente a respeito deste objeto ideológico, biológico, político e, sobretudo, subjetivo, que são seus corpos, é válido dizer que os sentidos podem ser constituídos por meio de diferentes recursos. Um mesmo discurso circula no mesmo espaço, constituindo sentidos semelhantes apesar do uso de recursos, que podem ser distintos ou iguais.

As ferramentas utilizadas pelas sujeitas digitais, o compartilhamento, o uso dos *emojis* e de *hashtags* e da ferramenta mencionar, isso tudo permite metaforicamente e concretamente a produção de uma teia/bolha discursiva, pois a rede social “Instagram”, por meio dos algoritmos, conecta perfis afins. Deste modo, quando as sujeitas digitais utilizam estas ferramentas para propagar seus discursos, temos um movimento de produtividade discursiva, um movimento parafrástico, de trazer à tona uma memória outra, não dominante, mas que se pretende coletiva. É um processo no qual se coordenam, cooperam, alimentam e constituem uma memória comum, como diz Lévy (1999), a respeito do ciberespaço.

De acordo com Orlandi (2020, p. 34), “os processos parafrásticos são aqueles pelos quais em todo dizer há sempre algo que se mantém, isto é, o dizível, a memória. A paráfrase representa assim o retorno aos mesmos espaços do dizer.” A título de exemplo, temos o material da Sequência Discursiva 5, no qual a sujeita utiliza o recurso da *hashtag* de modo expressivo: #plus; #plussizemodel; #plussize; #plussizebrasil; #plussizefashion; #plussizecurves; #plussizelinda; #modeloplus; #modeloplussizebrasil; #modeloplussizefashion. É na repetição da expressão “plus size” e suas variações que acessamos discursos semelhantes, constituindo a relação parafrástica.

Os discursos circulam de modo peculiar, sem um limite espacial, podendo afetar outras sujeitas que podem se identificar ou contra identificar discursivamente. Concluimos, então, que o virtual é um espaço de ampla circulação discursiva e, no caso, de ampla divulgação também. A imagem do virtual enquanto um espaço de super exposição é um dos fatores que permite e determina que os discursos sejam (re)produzidos abertamente. Logo, as sujeitas gozam dessa “liberdade” para posicionarem-se ideologicamente no “Instagram”.

3.4 As análises mais propriamente ditas

A seguir analisaremos o material de pesquisa (as publicações, compreendidas como Sequências Discursivas) com intuito de analisar o funcionamento deste material, o que inclui discutir o(s) posicionamento(s) ideológico(s) das sujeitas gordas autoras das postagens no espaço virtual Instagram. Para facilitar o acompanhamento da análise, decidimos por repetir, abaixo, as “figuras” apresentadas no capítulo dois.

Sequência Discursiva 1



Fonte: Instagram, perfil @juliasouzaj

A publicação acima, como pode ser visto, é constituída pela seguinte frase escrita com batom de cor vermelha no espelho: “Você é muito + do que vê no espelho”. Logo após o enunciado, dois corações desenhados com o mesmo batom. Ademais, vemos uma mulher loira, gorda, sorridente, sentada no chão, vestida com um biquíni branco com manchas pretas, e, ao fundo, uma área com lençóis estendidos.

Para pensar este enunciado, questionamos: e se fosse uma mulher magra produzindo este enunciado? Teria o mesmo efeito de sentido? Segundo Orlandi (2020) “As palavras não têm sentidos nelas mesmas, elas derivam seus sentidos das formações discursivas em que se inscrevem”.

No caso da Sequência Discursiva 1, uma mulher gorda convida a pensar o que está posto para além da aparência. Entretanto, sabemos que, socialmente, ainda é dominante a expectativa do ideal feminino associado ao corpo magro. Ao dizer “Você é muito + do que vê no espelho”, devemos questionar como o corpo gordo, desde muito tempo, foi estigmatizado ao longo da história, exposto, por vezes, ao riso; em suma, um corpo rejeitado. Houve momentos históricos nos quais o gordo foi bem visto, quando associado à fartura, a uma vida financeira estável, nos anos 1920 no Brasil, aproximadamente, e em outros períodos (Sant’Anna, 2016).

Novamente, questionamos: por que a sujeita indaga para observarmos o que está posto além da aparência? Por que não observaríamos o seu corpo se justamente ele está em evidência? Por que é necessário dizer que somos mais do que aquilo vemos no espelho? Pode querer dizer que o que vemos não é suficiente?

Ao enunciar “**você** é muito + do que vê no espelho”, o “**você**”, na nossa leitura, refere-se a dois sujeitos empíricos: a si (aquela que enuncia) e a outras sujeitas que, supostamente, estão na mesma posição ideológica e discursiva. Assim, o “**você**” é um marcador discursivo da posição das sujeitas que estão filiadas a uma Formação Discursiva que permite que se tome partido (ou que se tente tomar partido contra a idealização de corpos, o que, como dissemos, configura uma Formação Discursiva de resistência. Segundo Orlandi (2020, p. 41), “a formação discursiva se define como aquilo que numa formação ideológica dada – ou seja, a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio-histórica dada – determina o que pode e deve ser dito”.

Para além do que já estamos discutindo, outros elementos significam e indiciam a atualização de alguns sentidos. Por exemplo, foi utilizado um batom, que é um elemento que pode ser lido como de empoderamento. Mas a escolha da cor vermelha atualiza a sensualidade, uma presença marcante. A peça que ela usa é um biquíni (não um maiô, por exemplo), acessório muitas vezes estereotipado pela ideologia padronizante. Há, na Sequência Discursiva, a exposição do corpo com suas características (celulites, estrias, curvas) como sinal de segurança e bem-estar. A escolha do gênero textual postagem e o suporte espaço virtual *Instagram*, uma mídia de longo alcance, em um espaço, portanto, desterritorializado, que permite a ampla (re)produção e (re)significação dos discursos. Todos os elementos discutidos até o momento compõem um contexto imediato e que reafirmam um enunciado de resistência, se opondo, assim, à Formação Discursiva dos estereótipos. Falaremos sobre eles logo abaixo.

É importante ressaltar que, nas relações discursivas, as imagens (as formações imaginárias) constituem as diferentes posições. Segundo Orlandi (2020, p. 38) “[...]é um jogo imaginário que preside a troca de palavras[...]”. Tendo isso em vista, visualizamos, na Sequência Discursiva, uma a sujeita gorda *influencer*, discursivizando sobre corpos gordos numa perspectiva de empoderamento.

O texto foi escrito no espelho, um objeto importantíssimo na percepção do eu (de si) em ambas as Formações Discursivas. Na Formação Discursiva dos estereótipos, as sujeitas têm uma relação abusiva com o objeto, o espelho se assemelha a uma balança

para medir as aparências, uma busca interminável para alcançar o corpo ideal, o corpo comercializado nas mídias. Já a Formação Discursiva de resistência ressignifica essa relação, porque as sujeitas olham para estes corpos aceitando-os, amando-os, reconstruindo sua relação com o imaginário corpóreo feminino, atualizando o que é o belo, até a percepção da feminilidade.

Assim como o batom, outro item bastante polêmico é o biquíni, isso é resultado da associação a corpos magros nas praias em trajes praianos comumente estampados em revistas, como se seu uso fosse restrito a este público. A escolha desta peça e não outra e a escolha de mostrar o corpo, isso “textualizado” na postagem, constituem a materialidade da ideologia de resistência. Porém, é necessário ressaltar que há, também, a presença de outra Formação Discursiva, que é a que manifesta a ideologia dos estereótipos de beleza. Quando a sujeita enuncia “Você é muito + do que vê no espelho”, é como se o que víssemos no espelho não fosse suficiente, então devemos recorrer a outras características, como, por exemplo, personalidade e caráter para compor esta beleza. “Ser mais do que aquilo que se vê no espelho” e não dizer “somos também o que vemos no espelho, e tá tudo bem com isso” diz sobre os efeitos de sentido da presença da Formação Discursiva dos estereótipos, que aparecem sem, talvez, a consciência da sujeita que posta, o que quer dizer que seus efeitos ideológicos escapam no discurso dessa sujeita. Isso tanto marca o funcionamento do inconsciente como algo fundamental na compreensão do sujeito para a Análise de Discurso quando diz sobre a potência de uma ideologia dominante, vigente, hegemônica, que, há séculos, vem sendo afirmada e reafirmada em discursos diversos e que, assim, por repetição, se instalou no imaginário. É o já dito, sendo retomado e reafirmado e parafraseado inúmeras vezes por distintos sujeitos, até por aqueles que, conscientemente, tentam combater esse discurso. Como diz Brandão (2004, p. 95), “é a memória discursiva que torna possível a toda formação discursiva fazer circular formulações anteriores, já enunciadas”.

Na Sequência Discursiva 1, temos, então, uma sujeita gorda, opondo-se a este sistema, que se contrapõem e tenta romper com este imaginário sobre o corpo ideal. Ela é, sim, sujeita da Formação Discursiva de resistência. Porém, isso não é tudo, já que temos uma heterogeneidade discursiva que se pode apreender, já que se trata de uma sujeita pertencente a uma Formação Discursiva x, que enuncia, portanto, a respeito de x, porém escapa no seu discurso um outro discurso y, que é oposto. O que está sujeita faz

é tentar romper com o já dito (ideologia dos estereótipos), causando uma fissura no discurso vigente, mas também atualizando esse discurso com o qual tenta romper.

Agora, vamos à segunda postagem.

Sequência Discursiva 2



Fonte: Instagram, perfil @jmirelecrisoliveira

Na Sequência Discursiva 2, a sujeita posa para fotografia em um local que aparenta ser um quintal, enquanto toma banho de mangueira, vestindo um biquíni. Ao visualizar a imagem, percebemos que a sujeita aparenta felicidade e segurança ao expor seu corpo em tal traje. Esta construção do texto imagético dialoga com o texto verbal e as *hashtags*, e juntos e/ou separados, situam-na enquanto sujeito da ideologia que, portanto, defende a perspectiva possível a partir da identificação com a Formação Discursiva da resistência. Na publicação, podemos ler ainda: “ São Os Defeitos Do Seu Corpo Que Te Fazem Ser Quem Você é. Aprenda a Apreciá-los!”.

Temos duas orações. Na primeira, é propagado um discurso que estereotipa o corpo feminino; a segunda frase materializa a ideologia de resistência aos estereótipos. Do mesmo modo como as frases são pensadas e organizadas em confluência e separadas pelo ponto final, estas ideologias estão separadas, opondo-se e, ao mesmo tempo, vão de encontro uma à outra, constituindo essa relação de embate e/ou oposição.

A ideologia de resistência é assim chamada porque se opõe à padronização dos corpos em detrimento da construção de um discurso desigual, preconceituoso, desrespeitoso, carregado de desvalorização da sujeita mulher devido ao externo (a aparência dos corpos).

Na primeira oração, a palavra “DEFEITOS” é o que destacamos, porque sozinha expõe o entendimento de como é visto o corpo gordo na ideologia dos estereótipos de beleza. “DEFEITOS” faz menção às características físicas, ao biotipo, e segundo o discurso proferido, são esses defeitos que constituem quem você é. Porém, nos questionamos: por que defeitos e para quem? A partir de qual posicionamento? De qual tomada de posição discursiva? E “defeitos” comparados a quais qualidades? E o que são consideradas qualidades apreciáveis? Para quem? A partir de qual tomada discursiva? Sobre a afirmação de que esses defeitos definem quem você é, podemos dizer que uma interpretação possível é que, socialmente, as sujeitas femininas gordas são valoradas pela aparência física; socialmente, seu valor é pautado em seu peso, e se está sujeita for negra, com estrias, com celulites, e/ou com outras características que se opõem à ideologia dos estereótipos, mais duras e múltiplas serão as críticas e as agressões sofridas.

O que está em evidência nesta frase é a percepção sobre as agressões que o corpo⁴ feminino gordo sofre em uma sociedade extremamente preconceituosa, seja pelo peso ou por outras questões: sexo, cor, origem, pelo modo de vida e outros. O “defeito” apontado é justamente o ato de ser e existir enquanto uma sujeita gorda; a qualidade reside, então, na oposição: um corpo padrão. E se fosse um corpo feminino negro e gordo, a qualidade estaria num corpo padrão e branco. O ser mulher já carrega muitos estigmas e cobranças, ser uma mulher “não padrão” gera um silenciamento, uma opressão dessas sujeitas, levando-as, em muitos casos, à filiação a um discurso opressor pela via da coação, agressão verbal, física, psicológica. E são muitos os fatores que contribuem socialmente, desde a mídia até aspectos mais culturais, históricos e sociais.

A reflexão que fazemos é esta: quem é você socialmente a partir desses “defeitos”? Para além desta indagação, questionamos: quais elementos linguísticos dizem quem é esta sujeita para si, para o outro e para sociedade, segundo a ideologia dos estereótipos?

⁴ Orlandi (2012, p. 25), sobre o corpo: “entendido como efeitos de sentidos constituídos pelo confronto simbólico com o político em um processo de memória que tem sua forma e funciona ideologicamente. O que redunde em dizer que, assim como nossas palavras, nosso corpo já vem significado, antes mesmo que não o tenhamos, conscientemente, significado.”

Certamente, de acordo com os fundamentos que constituem a ideologia dos estereótipos, dentro desta formação discursiva, as sujeitas gordas residem marginalizadas, sujeitas a condições periféricas socialmente, pois são vistas de modo inferior se comparadas a sujeitas de corpos padrão. Deste modo, na frase, podemos pensar tais perspectivas devido ao uso da palavra “DEFEITOS” para fazer menção a um corpo gordo e dizer que são estes “DEFEITOS” que definem esta sujeita. Ou seja, define que lugar está sujeita gorda pode ocupar, e como deve se enxergar, como deveria ser. Portanto, sempre há limites impostos, seja para ser seja para se perceber na sociedade.

Partindo para a segunda frase, “Aprenda a Apreciá-lo!”, percebemos a mudança na tomada discursiva. Agora, nos direcionamos pela ótica da ideologia de resistência aos estereótipos. Ao dizer “Aprenda”, a usuária sujeita profere um convite a outras usuárias sujeitas que também sendo mulheres gordas devem aprender a direcionar um gesto afetivo em relação ao seu corpo e a si. O ato de aprendizagem é algo contínuo, não é pronto e acabado; ao contrário, é um processo. Deste modo, compreendendo o sentido de aprender, entendemos que a sujeita incita outras a passar por este processo de apreciação.

É, todavia, um aprendizado pautado na certeza, na “verdade” inquestionável que ser gorda é um defeito, e, sendo assim, dita quem o sujeito é. Você aprende a apreciá-lo sabendo que não é o padrão, aprende apreciá-lo sabendo que é um corpo maltratado, agredido verbalmente por outros sujeitos. Parece-nos possível dizer que não basta apenas apreciá-lo pelo que este(s) corpo(s) é (são), e sim porque não há outra saída a não ser apreciá-lo, independente de ser um corpo alvo de ataques de cunho preconceituoso. O ato de apreciar vem somente posterior ao reconhecimento da inferioridade ao corpo padrão, somente num segundo momento este acolhimento ocorre. Ocorre, posteriormente, à própria sujeita se atacar verbalmente e psicologicamente com a ideia e a materialização verbal de que este corpo não pode ser simplesmente apreciado e somente apreciado pelo que ele é, porque não é um corpo padrão.

Outra nuance diz sobre o modo imperativo: “Aprenda a Apreciá-lo”. Novamente, voltamos à ideia de imposição ou coação, porque é utilizado de um modo que direciona, ordena, dita como as usuárias sujeitas devem aprender a apreciar seus corpos sempre com a certeza dos seus defeitos, o que, inclusive, difere dos sentidos produzidos pelas *hashtags* da publicação, que podem ser vistas na parte inferior da postagem:

#livredepadrões, #liberdade, #mulhergg, #padrõesdebeleza, #sempadrões, #gordinha, #gordinhalinda etc. Por um lado, temos a valorização destes corpos por meio das hashtags, por outro viés, a tentativa de impor uma aceitação baseada no pensamento de inferioridade do corpo feminino gordo em relação ao corpo feminino padrão. O verbo no imperativo contraria a palavra liberdade devido ao fato de o processo de apreciação ser imposto. Também, difere da *hashtag* #sempadrões, porque quando diz “defeitos” ao referir-se ao corpo gordo, logo se está dizendo “defeitos” em oposição a “qualidades”, e “qualidades”, neste caso, faz menção ao corpo padrão. Então, concluímos que existem imposições de padrões corporais e a memória do que é o corpo sem defeito.

Observemos, adiante, o terceiro material de análise:

Sequência Discursiva 3



Fonte: Instagram, perfil @eufabimodel

Começamos esta análise destacando o seguinte enunciado: “**Tenhamos** orgulho do nosso corpo, **independente** de como ele **for**”. Neste enunciado, a sujeita convida outros usuários sujeitos a se filiarem à “sua” posição de sujeito quando diz “**TENHAMOS** orgulho do nosso corpo...”. O pronome **NÓS** está oculto, caracterizando um sujeito elíptico. O **NÓS TENHAMOS** é um chamamento, uma convocação, assim, ao convidar as outras sujeitas a se filiarem ao que chamamos de

Formação Discursiva de resistência compreendemos que, em nenhum momento, houve uma confirmação sobre a sujeita que posta já ter esse orgulho. Trata-se, antes, de uma proposta; como dissemos, de um chamamento para que se tenha orgulho do próprio corpo. Deste modo, percebemos que a sujeita, autora da postagem, convida também a si para se filiar à Formação Discursiva de resistência.

Este trecho que destacamos acima caracteriza o funcionamento da Formação Discursiva de resistência aos estereótipos de beleza. Porém, outros elementos gramaticais marcam a presença da ideologia dos estereótipos de beleza. Nesse sentido, pensemos no “...**INDEPENDENTE** de como ele **FOR**”. Quando dizemos “independente”, temos inúmeras possibilidades de pensar esta frase: “Independente dele não ser um corpo que não agrada ao outro e a mim mesma por não ser um corpo padrão”, “independente dele ser um corpo negro, magro, gordo, grande, pequeno, com citratrizes”, “independente dele ser um corpo que sofre frequentes ataques por não ser um corpo padrão”, e outras possibilidade parafrásticas.

O **NÓS** e o **INDEPENDENTE/FOR** demarcam posicionamentos distintos. De um lado, um convite à aceitação; do outro, temos uma inquietação em relação a esses corpos. O verbo ser (“FOR”) está escrito em caixa alta, diferente do restante do texto. Isso evidencia que a sujeita busca dar ênfase à forma deste corpo, fortalecendo a hipótese de diferenciação dos corpos. Quem são esses outros corpos? E por que essa marcação em relação à forma desses corpos, Em “**independente de como FOR**”, por que deve estar marcado que a diferença não interfere no ato de ter orgulho? Por que é necessário afirmar?

Se temos que demarcar, no plano linguístico, que não deve haver diferença entre esses corpos e que se deve ter orgulho, isso deixa indicado que, sim, existe uma diferença. Fora do plano da fantasia, não se discute algo que não existe. Logo, o que não está visível é que está sujeita chama atenção para a diferença feita entre os corpos que não corresponde a uma padrão X, e deste modo, ela no texto verbal e no texto imagético (porque seu corpo diz sobre sua posição: um corpo gordo e preto na praia do Flamengo, estampando um sorriso) rebatem as discussões de não orgulho dos corpos fora do padrão.

Esta publicação em si é um ato de resistência, mas que também materializa a concepção dos estereótipos de beleza, demarcado no **INDEPENDENTE** e no **FOR**. Quando digo “...**INDEPENDENTE** de como ele **FOR**”, deixo evidente muitas

provocações. Talvez não seja o que quero, o que querem, mas deve ser aceito, não como um ato de aceitar pelo que é realmente, mas como um ato de imposição, como se não houvesse outra saída a não ser a aceitação. Enfim, muitas são as possibilidades de tentar preencher esta lacuna.

A seguir, trabalharemos com o nosso próximo material de análise. Vejamos:

Sequência Discursiva 4



Fonte: Instagram, perfil @nandynhafofa

Na descrição do *corpus*, visualizamos uma mulher gorda, de cabelo preto longo, vestindo um *cropped* preto de manga longa, com decote em V, o qual é amarrado na frente. Também, está vestindo um short com estampa de onça. Sorridente, posa para foto tirada diretamente de um celular com capa vermelha, num ambiente que, aparentemente, é uma sala. No enunciado, a sujeita diz: “Vc só precisa provar a vc mesma que não precisa provar nada a ninguém!”. Para além da produção frasal, contamos com hashtags que demarcam a respeito do imaginário corporal: #gordas; #gorda, #gordalinda; #gordapode; #gordasexy; #gordagostosa; #gordapodesim; #empoderamentofeminino; #plusizebrasil; #plusfashion; #plussizemodel; #plus; #plussizecurves; #influencerplus.

Mais uma vez, chamamos atenção para o fato de uma sujeita gorda discursivizar sobre corpos gordos numa perspectiva positiva, pois sabemos que, ao longo dos séculos, foi construído um real acerca dos corpos femininos ligado à magreza e o gordo associado ao adoecimento, ao ridículo, ao riso, ao grotesco, ao feio, e por vezes, ao mórbido (extrema obesidade) (Sant’Anna, 2016). É comum que as diversas mídias propagarem estes efeitos ideológicos, porém, no caso desta publicação, a sujeita faz uso da rede social *Instagram* para veicular o ser gordo na perspectiva de valoração, em um movimento de ruptura com todo construto sócio-histórico-ideológico, ou seja, o já-dito da ideologia oposta, na tentativa de (re)construir ou diversificar o imaginário.

Na Sequência Discursiva 4, consideramos que o fato desta sujeita ser uma sujeita gorda consiste como o primeiro ato de resistência, porque o corpo também é discurso⁵ e discursiviza. Ela trajada em roupas sensuais, chamativas, sorridente, expondo-se em uma rede social diz sobre sua posição ideológica; é uma sujeita da Formação Discursiva de resistência (FD). O resistir, nesta discussão, é o ato de ser aquilo que se diz, o fato de produzir um discurso reafirmando sua posição ideológica, o fato de fazer fricção com discursos anteriores que marginalizam e excluem todo e qualquer corpo que não corresponda ao imaginário do belo vigente. Para além disso, resistir, aqui, é o movimento de (re)construir um novo real para estes corpos. como afirma Pêcheux ([1975] 1988, p. 160)

[...] o sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição, ‘não existe em si mesmo (isto é, em sua relação transparente com a literalidade do significante) mas, ao contrário é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões, proposições são produzidas (isto é, reproduzidas). [...] As palavras, expressões, proposições, etc. mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam, o que quer dizer que elas adquirem seu sentido em referência às formações ideológicas [...] nas quais essas posições se inscrevem.

No enunciado “Vc só precisa provar a vc mesma que não precisa provar nada a ninguém!”, percebemos que o termo “vc” faz referência tanto à sujeita que enuncia

⁵Algumas discussões nos ajudam a pensar o corpo como discurso. Por exemplo, Leandro-Ferreira (2011, p. 95) diz que “o objeto a ser analisado é, então, o corpo tomado como materialidade discursiva que se constrói pelo discurso, se configura em torno de limites e se submete à irrupção da falta que lhe é constitutiva. Para trabalhar com esse objeto será trazido ao campo discursivo uma categoria que procede da psicanálise, que é o real do corpo. A exemplo do que singulariza o registro do real, o real do corpo vem a ser o que sempre falta, o que retorna, o que resiste a ser simbolizado, o impossível que sem cessar subsiste. [...] o corpo da linguagem e o corpo do sujeito não são transparentes. Já Orlandi (2012, p. 92), diz que os corpos “são atravessados de discursividade, efeitos de sentidos constituídos pelo confronto do simbólico com o político em um processo de memória que tem sua forma e funciona ideologicamente”.

quanto a outras sujeitas que se identificam ou que podem vir a se identificar com este discurso. O verbo “precisar”, sendo transitivo, pede complemento (quem precisa precisa de alguma coisa), neste caso, temos uma locução verbal, pois em seguida é apresentado o verbo “provar”. Ao dizer que a sujeita precisa provar a si que não precisa provar nada a ninguém, voltamos os sentidos para compreensão da valoração dos corpos, da aceitação dos mesmos. A sujeita chama atenção para o fato de caber somente a si a responsabilidade, o cuidado, a justificativa de suas medidas. Seu corpo é somente responsabilidade sua, não do outro, dos padrões, das exigências ou da sociedade. Ela retira da sociedade este papel de apontar e ditar o belo e retoma para si, ao mesmo tempo, conscientiza as outras usuárias sujeitas.

Ao expor este corpo gordo, mas também por produzir o enunciado que há pouco discutíamos, além do uso das hashtags: #gordas; #gorda, #gordalinda; #gordapode; #gordasexy; #gordagostosa; #gordapodesim; #emporamentofeminino; #plusizebrasil; #plusfashion; #plussizemodel; #plus; #plussizecurves; #influencerplus; por isso tudo, concluímos que a sujeita se posiciona discursivamente em defesa do corpo gordo.

É também por meio das hashtags que, no virtual, as sujeitas demarcam esta “bolha” discursiva, é aqui que criam uma rede, interligando outras sujeitas digitais que se identificam com a ideologia de valoração dos corpos gordos. É neste jogo imaginário que, ideologicamente, as sujeitas se constituem enquanto sujeita digital identificada com a Formação Discursiva de resistência. As *hashtags* são um mecanismo de demarcação neste espaço e as sujeitas digitais as compartilham/utilizam como modo de identificação enquanto sujeita da sua Formação Discursiva, para reafirmar discursivamente sua posição.

Quando se posta #gordalinda, esta *hashtag* indica uma posição a respeito de um corpo feminino gordo enquanto sujeita pertencente a uma ideologia que aceita belezas corporais múltiplas. Quando se posta #plussizemodel, demarca-se um movimento ao qual se pertence ou o qual se apoia, e que faz parte das relações imaginárias às quais se replica devido a determinadas identificações. Segundo Orlandi (2020, p. 38)

As condições de produção implicam o que é material (a língua sujeita a equívoco e a historicidade), o que é inconstitucional (a formação social, em sua ordem) e o mecanismo imaginário. Esse mecanismo produz imagens dos sujeitos, assim como do objeto do discurso dentro de uma conjuntura sócio-histórica. Temos assim a imagem da posição sujeito locutor (quem sou eu para lhe falar assim?) mas também da posição do sujeito interlocutor (quem é ele para me falar assim ou para que eu lhe fale assim? , e também a

do objeto do discurso (do que estou falando, do que ele me fala?). É pois todo um jogo imaginário que preside à troca de palavras.

Para além do que já dissemos, outros sentidos escapam no discurso proferido. quando se diz “Vc só precisa provar a vc mesma que não precisa provar nada a ninguém!”, questiono: por que tenho a necessidade de provar a mim mesma que não preciso provar a outros a respeito do meu corpo? Qual a necessidade de provar a mim mesma? Não estou, ainda, convencida? Se tenho que produzir este movimento de reafirmar, rememorar sobre algo é porque ele não ocorre de fato ou está em processo. O que vemos, então, é uma sujeita que pertence a uma ideologia que resiste a uma outra ideologia oposta e predominante, sendo que esta última não deixa de afetar discursivamente o que a sujeita profere. É a minoria, discursivamente, se opondo a uma ideologia enraizada na sociedade brasileira. As relações pessoais, as posições sociais, relações amorosas, a relação dos sujeitos com seus corpos, tudo isso passa pelo imaginário (o complexo de imagens) que temos sobre nós, sobre o outro, sobre o que supomos que o outro pensa de nós etc. Foi construída, largamente, a imagem do gordo feio e doente, que deveria ter vergonha de si. Então, estas sujeitas estão num movimento de tensão com uma construção social, tentando resistir a ela.

Na sequência, apresentamos o quinto material de análise. Acompanhemos:

Sequência Discursiva 5



Fonte: Instagram, perfil @nandynhafofa

Na Sequência Discursiva acima, a usuária sujeita gorda produziu o seguinte enunciado: “Numa sociedade que lucra com a nossa insegurança, **gostar de si mesma é um ato de rebeldia**”. Na sequência, temos a frase “arrasta pro ladinho”, como recurso para indicar as sequências de fotos. Para além, o uso do recurso, marcar perfis, para indicar a compra de um cropped no site de lingerie plus. Também ocorre o uso das seguintes *hashtags*: #gordalinda; #gordapode; #gorda; #gordinhas; #gordafeliz; #gordinhalinda; #gordasexy; #gordaempoderada; #gordinhasgostas; #gordita; #plussizefashion; #plussizecurves; #plussize; #plussizelinda; #model; #modafeminina; #moda; #model; #modeloplus #modelofotografica; #modeloplussizebrasil; #modeloplusize; #modeloplussizefashion.

Quando a sujeita diz “Numa sociedade que lucra com nossa insegurança...” observamos a afirmação da percepção de uma sociedade que produz um movimento de uma instabilidade na percepção do eu para o sujeito gordo, pois sabemos que a ideologia predominante acerca da beleza feminina atual exige um cuidado exacerbado com os corpos e com a estética, ditando o belo a partir de corpos magros e musculosos, além de outras exigências. Assim, o discurso produzido parte da verdade imposta pela ideologia dos Estereótipos de Beleza, que exclui corpos que divergem de certas exigências estéticas.

Ao afirmar “gostar de si mesma é um ato de rebeldia” são mobilizados os sentidos da ideologia de Resistência, no qual o gostar deste corpo marginalizado, excluído, inviabilizado ou adoecido frente a crítica é um ato de transgressão, de rebeldia. A rebeldia de amar, gostar do que é condenado ou apontado.

As *hashtags* servem para relacionar temas e publicações relacionadas ao mesmo assunto e seu uso é importante para que nas redes sociais as sujeitas digitais criem uma bolha discursiva e possam alcançar outras usuárias sujeitas que se identifiquem com sua Formação Ideológica. Demarcam assim, um espaço no qual os discursos se interrelacionam e criam uma teia discursiva. Trata-se de um constante movimento de produtividade e reafirmação, pois ao passo que produzem novos sentidos, marcam esse contato com a ideologia outra para se (re)afirmar enquanto sujeitas do Discurso de Resistência.

Um elemento a ser citado que reafirma a filiação a Formação Discursiva de Resistência é uso do *cropped* e a relação com o uso das *hashtags*: #gordapode;

#gordasexy; #gordaempoderada; demarcando que o corpo gordo pode gozar dos mesmos recursos, pois as roupas e acessórios não são limitados a um biotipo ou outro, são apenas imposições e acordos sociais excludentes ditados pela indústria da moda e pela instância social e cultural.

Abaixo, a última Sequência Discursiva que compõe nosso material analítico, seguida de nossas análises.

Sequência Discursiva 6



Fonte: Instagram, perfil @mayshozinni

Viver em uma sociedade que aprisiona os corpos que não se encaixam em um padrão exigido é uma imposição à ditadura da feiura. Pois são corpos desprovidos de beleza, segundo a Ideologia dos Estereótipos. Isso acarreta em uma mensagem “subliminar”: o não merecimento de afeto, amor, olhares, elogios e outros. É, em si, um modo de silenciamento, de marginalização destas sujeitas, é um ato de invisibilização.

Na Sequência Discursiva 6, lemos “Estrias, celulites e ‘imperfeições’ tão perfeitas”. Este fragmento indica dois modos distintos de observar traços dos corpos femininos. Quando se diz “imperfeições”, com o uso do recurso das aspas, demarca-se a presença do discurso outro acerca destas características corporais. São marcados os sentidos mobilizados na ideologia outra, a definição das características que não são consideradas belas na ideologia dos Estereótipos.

Também podemos apontar no excerto uma outra forma de trazer o discurso direto: a utilização das aspas. Ao optar pelas aspas como um recurso para demarcar uma citação direta, o locutor traz o outro para a cena enunciativa e, assim, abre espaço de forma explícita, para o discurso deste. É o que Authier-Revuz (2004) chama de heterogeneidade marcada autonímica, um modo particular do “outro” ser inserido no discurso, ou seja, “o locutor faz uso de palavras inscritas no fio de seu discurso [...] e, ao mesmo tempo, ele as mostra” (Authier- Revuz, 2004, p. 13).

Ao delimitar e definir o discurso do outro, captamos a heterogeneidade discursiva, pois duas formações discursivas estão presentificadas, produzindo sentidos opostos. Ao escrever “tão perfeitas”, ocorre um processo de resignificação dos sentidos, diferenciando como os corpos femininos são vistos em ambas Formações Discursivas.

Ao dizer “Estrias, celulites e **“imperfeições” tão perfeitas**♥”, a sujeita discursiviza sobre corpos numa perspectiva de rompimento ideológico com uma outra ideologia (Discurso dos Estereótipos), porque, ao dizer imperfeições, a sujeita traz à materialidade linguística o que caracteriza a ideologia dos Estereótipos, porém, na sequência, desconstrói e resignifica os sentidos anteriores: “tão perfeitas”.

Este movimento descrito, na verdade constitui uma regularidade presente em todas as Sequências que analisamos, o que alimenta nossa hipótese de que as sujeitas digitais que postam o material que analisamos são sujeitas na Formação Discursiva da resistência. Como nos diz Indursky (2020, p. 306-307), “a formação discursiva pode ser entendida como o que pode e deve ser dito pelo sujeito, ou seja, ela tem seus saberes regulados pela forma-sujeito”, o que pode justificar que haja, em determinada Formação Discursiva, uma certa unicidade, embora não seja perfeita em seu fechamento, como também apontam nossas análises.

Nesse espaço fronteiro que é uma Formação Discursiva, abrigam-se os encontros, engrenam-se os embates, permitindo a formulação de dizeres como “Estrias, celulites e **“imperfeições” tão perfeitas** ”. A abertura da Formação Discursiva, o que justifica a heterogeneidade, é portanto uma condição necessária para que se produzam esses dizeres, pois tratamos de uma “contradição ‘externa’ de uma Formação Discursiva: coloca em relação uma Formação Discursiva dominante em relação às demais Formações Discursiva, cuja resistência se dá na relação entre a regionalização da FD e o todo-complexo com dominante das FD, o interdiscurso” (De Nardi; Nascimento, 2016 *apud* Bretanha, 2021, p. 12).

3.5 A questão da contradição

Neste tópico, organizamos um quadro. Vejamos:

Quadro 1

MATERIAL COLETADO	CORPUS -	HASHTAGS	MARCAR PERFIL @	EMOJI/FIGURINHA
POST 1	you are very + (more) do that you see in the mirror ❤️			❤️
POST 2	São Os Defeitos Do Seu Corpo Que Te Fazem Ser Quem Você é. Aprenda a Apreciá-los!	#banho; #livredepadrões; #liberdade; #mulhergg; #mulherplussize; #padroesdebeleza; #mulherempoderada; #sempadros; #gordinha; #plussizebrasil; #gordinhalinda		
POST 3	Tenhamos orgulho do nosso corpo, independente de como ele for!! 🌴💕		@leosalorbrf @jonisson.fotografo79 @vaitergorda @garota_plus	🌴
POST 4	you only need to prove to yourself that you don't need to prove anything to anybody!	#gordas; #gorda; #gordalinda; #gordapode; #gordasexy; #gordasimedai; #gordagostosa; #gordapodesim; #empoderamentofeminino; #plussizebrasil; #plusfashion; #plussizemodel; #plus; #plussizecurves; #influencerplus; #fotografia; #foto; #fotos		
POST 5	In a society that profits from our insecurity, liking yourself is an act of rebellion. Arrasta pro ladinho 🤔	#gordalinda; #gordapode; #gorda; #gordinhas; #gordafeliz; #gordinhalinda; #gordasexy; #gordaempoderada; #gordinhasgostosas; #gordita; #plussizemodel; #plussize; #plus; #plussizebrasil; #plussizefashion; #plussizecurves; #plussizelinda; #model; #modafeminina; #moda; #modeloplus; #modelofotografica; #modeloplussizebrasil; #modeloplussize; #modeloplussizefashion	@recriarlingerieplus	🤔
POST 6	"Stretch marks, cellulite and “imperfections” are perfect 💕"		@recriarlingerieplus	💕

Fonte: Arquivo da autora; perfis do Instagram

Após análise atenta do material, destacamos que os sentidos e as sujeitas, em suas constituições, são definidos pelo contraditório, pela incompletude, pelo equívoco devido ao fato de serem afetados pela história/pela ideologia e pelo inconsciente e. Assim, apontamos para uma posição de sujeito complexa, que, neste material, está integrado a uma ideologia que marca um rompimento com a ideologia vigente, instaurando um desvio, uma fissura no discurso primeiro, sendo um discurso que não é exatamente dependente do discurso vigente mas que, também, não é totalmente independente,

significando de um modo específico, devido à relação de ambos. Essa relação permite a multiplicidade de “vozes” discursivas e, portanto, esse retorno constante ao discurso primeiro.

O movimento dos saberes da Formação Discursiva de Resistência força passagem na fronteira da Formação Discursiva da estereotipação. Portanto, as retomadas incitam a movimentação dos sentidos, pela reinscrição do já-dito, que nunca é esquecido radicalmente, apesar do apagamento necessário promovido pela ideologia. Um acesso constante que, permitido por esse espaço fronteiro, poroso e tênue, que é a região de uma Formação Discursiva, sobre a qual não sabemos delimitar precisamente início e fim, causando diferença no fio discursivo das sujeitas.

Neste jogo ideológico, o atravessamento de saberes nos permite dizer que, assim como a Formação Discursiva pode ser lugar de igualdade, também pode abrigar a diferença e a contradição. Interessa-nos, portanto, compreender o fator que permite a materialização do dizer do outro no discurso destas sujeitas. Portanto, é plausível pensar a fronteira não como delimitação de espaço predeterminado, mas como lugar de conflito, onde jogam forças, o que resulta em lugar de movências.

Esta relação de contraditoriedade sustenta os discursos, pois é justamente o contraditório que produz um sentido e não outro, porque o Discurso de Resistência é produzido sempre a partir deste discurso vigente, que está instituído sócio-histórico-cultural e ideologicamente.

Segundo Venturini (2009, p. 122 apud Mittmann, 2010, p. 97),

A relação entre o real e o simbólico, entre o possível e o impossível de dizer, “é a única possibilidade de o sujeito desnudar-se e constituir-se como tal”, além de que é também o lugar de “constatação de que a falta e a falha são constitutivas dele, pela impossibilidade de captar o real pela linguagem e de nada ser sem ela”, sendo, portanto, um espaço de contradição.

As categorias analíticas “Formação Discursiva”, “interdiscurso” e “sujeito” nos ajudam a compreender o todo complexo da produção de discursos com outros, por meio exclusões, inclusões, pressuposições etc. Tal produção se define em função do interdiscurso, e este, nas palavras de Orlandi (2008), “solda” a relação entre as formações discursivas.

Os discursos supracitados constituem-se no entremeio de duas tomadas de posição discursivas. A forma-sujeito⁶ do Discurso de Resistência produz tais efeitos de sentido devido a esse espaço fronteiro no qual os saberes de ambas Formações Discursivas se misturam, estando em constante contato.

A formulação destes enunciados “duplos” não provém da dissimulação deliberada das sujeitas; ocorre, antes, pelo espaço de confronto, de encontro, representando justamente o encontro desses saberes divergentes.

Segundo Pêcheux (1997 [1975], p. 315), “aparece a ideia de uma espécie de ‘vacilação discursiva’ que afeta, dentro de uma Formação Discursiva [FD], as sequências situadas em suas fronteiras, até o ponto em que se torna impossível determinar por qual FD elas são engendradas”. Conclui-se, assim, que toda Formação Discursiva seria passível de conter enunciados divididos, isto é, situados nas fronteiras entre as Formações Discursivas. Tais divergências manifestam o caráter heterogêneo do discurso.

Conforme Indursky (2001, p. 28),

O estudo da heterogeneidade permite apreender tanto o contato entre Formações Discursivas diferentes e suas respectivas formas-sujeito, quanto o contato entre posições-sujeito, inscritas na mesma Formação Discursiva, mas igualmente diversas, o que implica a concepção de uma Formação Discursiva heterogênea, em que o mesmo convive com a diferença e a divergência, dando origem à contradição.

Sendo assim, analisar a heterogeneidade é reportar o não-dito a um já-lá; é pensar a contradição presente na luta ideológica, é discernir “o que resiste dizer no dizer mesmo” (Pêcheux, 1981a, p. 200). A contradição, neste trabalho, é o elemento primordial para a produção dos discursos, é o mecanismo necessário para que se (re)produzam os sentidos, a partir do qual trabalha-se o diferente, o novo.

O resistir é um processo necessário, pois ao serem sujeitas do Discurso de Resistência, necessariamente se resiste a outras formas-sujeito, a outras tomadas

⁶ Segundo Pêcheux ([1975]1988), a Forma-Sujeito, ou seja, o Sujeito do Saber de uma Formação Discursiva (FD) preenche o lugar do sujeito, que não é, portanto, vazio. Dessa maneira, é por meio da Forma-Sujeito que o sujeito se inscreve na FD. A posição-sujeito “[...] se constitui em uma posição-sujeito dominante em relação às demais posições em que a forma-sujeito se fragmenta” (Indursky, 2008, p. 19). O que ocorre é que “[...] o sujeito se identifica com a FD através de uma de suas posições-sujeito e, por seu viés, com a forma-sujeito”. As fronteiras de uma formação discursiva são “porosas”. Em virtude disso, “[...] seu domínio do saber é frequentemente atravessado/invadido por saberes provenientes de outras formações discursivas, de outra forma-sujeito, de outras posições-sujeito [...]” (Indursky, 2008, p. 17).

discursivas, o que ocorre ao “romper” com discurso primeiro, propondo outra significação para o objeto discursivo, marcando a inscrição do discurso de Resistência num espaço discursivo distinto daquele em que o discurso de Estereótipos se inscreve, mas também concorrendo com o primeiro, no espaço virtual.

Segundo Authier-Revuz (2004, apud Lima, 2021, p. 217),

Todo discurso se mostra constitutivamente atravessado pelos “outros discursos” e pelo “discurso do Outro”. O outro não é um objeto (exterior, do qual se fala), mas uma condição (constitutiva, para que se fale) do discurso de um sujeito falante que não é fonte-primeira desse discurso.

Tomando o contraditório como o princípio organizador da Formação Discursiva, entende-se que este constitui as bordas das Formações Discursivas, onde o interdiscurso e o intradiscurso, na formulação, no acesso à memória discursiva, ao já-dito, também no processo de atualização e na formulação de novos sentidos, deflagram o efeito ideológico. “A contradição, nesse sentido, para além de um mecanismo para a reprodução, é abrigada pelas FD, trazendo para seu seio, a propósito da sua manutenção (ou não), o diferente e a resistência” (De Nardi; Nascimento, 2016 apud BRETANHA, 2021, p. 11).

A contradição relacionar-se a um dentro e um fora, um constante acessar ao discurso outro ou discurso do outro. Portanto, pensamos esse espaço de regionalização das fronteiras discursivas, unidades que não são fechadas, que não são delimitadas e invadem, acessam, estão emaranhadas, como um espaço em que o contraditório é condição para que se diga x ou y ou x e y e xy ao mesmo tempo.

O contraditório é, assim, causa, efeito e resultado deste espaço fronteiro entre as Formações Discursivas de Estereótipos e de Resistência. Não são, as Formações Discursivas, um espaço fechado, ou delimitado, mas, sim, o local no qual o outro, o alheio faz-se presente discursivamente.

Tentamos, em nosso trabalho, um olhar minucioso para o atravessamento eventual da “voz “de um outro que é identificável no discurso do um, constituindo-se como caminho para compreender a discussão sobre as condições de produção do discurso, as relações de força, as relações de sentido, os conflitos fronteiros e as contradições.

Num mesmo texto podem aparecer discursos diferentes, cuja consequência imediata são as variações de sentido. No material analisado, são apresentados dois sentidos convergentes, marcando o caráter polifônico, pois estão materializadas duas

vozes discursivas no discurso das sujeitas gordas. A contradição funciona como o retorno do mesmo, produzindo efeitos diferentes, ou ainda, uma ruptura sob efeito de descontinuidade.

A materialização da contradição discursiva é necessária para que os sentidos da ideologia de Resistência signifique, pois sempre ocorre o acesso à ideologia dominante. É a partir deste confronto que os sentidos da ideologia de Resistência propõem um novo olhar, uma nova perspectiva. Assim, é no contraditório, no acesso ao já-dito, à memória discursiva que as sujeitas, por meio de um processo polissêmico, em um processo de produtividade, ressignificam os discursos sobre estes corpos.

A questão da constituição heterogênea do discurso pode apontar para três discussões teóricas. A primeira é a do pré-construído e, por ela, o ressoar do que pode ser dito, mas também do que não pode ser dito. E aí entramos na segunda questão teórica: a das fronteiras entre as formações discursivas, às vezes tão demarcadas como no caso analisado neste artigo, mas que nem por isso conseguem impedir o atravessamento do que é dito em outra. E essa relação entre as formações discursivas contrárias, em permanente confronto, nos leva à terceira questão: a da contradição constitutiva (Mittmann, 2010, p. 97).

O movimento de trazer à tona o discurso do outro na materialidade linguística e ressignificá-lo também é um modo explícito de resistir.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Somos sempre já sujeitos em virtude do processo de assujeitamento, também divididos/clivados em virtude à submissão ao inconsciente. O sujeito e o discurso são suscetíveis à falha; e é esta possibilidade da falha e do equívoco que representam a materialização da resistência. O sujeito existe e se constitui como tal justamente neste espaço simbólico, no jogo com o ideológico, representado por/pela linguagem, que é responsável pela incompletude, singularizando o sujeito pelo entremeio, portanto, o sujeito não goza de total autonomia, devido ao próprio modo de sua constituição, nem inteiramente constituído por mecanismos exteriores.

É no processo de interpelação que o sujeito filia-se a uma formação ideológica e resiste a outras, assim, é necessário ocupar uma posição no discurso para resistir a outras. E onde há resistência, geralmente há, também, ruptura, devido ao rompimento com um saber instituído. Segundo Ferreira (2015, p. 164), “poderíamos dizer que onde há ruptura houve resistência, ainda que nem toda resistência provoque necessariamente ruptura”.

A resistência ocorre sob a própria dominação ideológica, instaurando-se na contradição, na falha no ritual de interpelação ideológica, no trabalho da construção das evidências. Ela produz uma fissura no fio discursivo, imbricando múltiplos gestos interpretativos e distintas leituras dos discursos, desnaturalizando os sentidos e problematizando-os. O equívoco está calcado na resistência da língua e, conseqüentemente, visualizamos a resistência da ideologia, produzindo outros sentidos possíveis. Para Pêcheux ([1969] 1997 p. 79):

[...] impossível analisar um discurso como um texto, isto é, como uma sequência linguística fechada sobre si mesma, mas que é necessário referi-lo ao conjunto de discursos possíveis a partir de um estado definido das condições de produção.

Resistir é desestabilizar o saber instituindo, o pré-construído, que se caracteriza como aquilo que foi dito antes, em outro lugar, cuja presença é marcada naquilo que o sujeito discursiviza. A memória discursiva, para Orlandi (2020, p. 29) é “o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra”. O “outro”, “o discurso primeiro” está no diálogo interno disposto no processo de discursivização; o

Discurso de estereotipação emerge no Discurso de resistência como um efeito daquilo que estava antes, mas não exatamente igual àquilo que estava antes.

É neste espaço que se localizam os "furos" e as "faltas" que são estruturantes e próprios à ordem da língua. É o lugar da incompletude da linguagem, onde tudo é possível discursivamente. Segundo Pruinelli (2020, p. 255), “resistir é aproveitar todas as brechas, rachaduras, abertas pela discursividade e, nesses espaços, tecer sentidos/discursos outros possíveis. E é justamente pelas fendas abertas/deixadas pela dominação que o resistir se molda”.

Nesta perspectiva, o discurso não funciona de modo isolado, outros discursos se convocam, sendo a memória, o já-dito, ou seja, os sentidos que não temos mais acesso devido aos esquecimentos, isso tudo faz-se presentes sem pedir licença. Segundo os pressupostos da Análise de Discurso Materialista, a falha, a fissura, o deslizamento são o lugar de resistência, portanto, corporificam o lugar do impossível (nem tão impossível) e do/no sentido (que faz sentido).

Segundo Pêcheux (1990, p.8), o funcionamento da memória se inscreve entre “o visível e o invisível, entre o existente e o alhures, o não-realizado ou o impossível, entre o presente e as diferentes formas de ausência.” Até nos sutis deslocamentos de resistência estabelecidos na relação do sujeito, língua e discurso - nos jogos entre silenciar e calar, entre dizer para não dizer, ausência que simboliza a presença - instaura-se a resistência, como um fantasma desse ritual sempre preparado para desnudar suas rachaduras.

De acordo com Pêcheux (1990, p. 17).

E através destas quebras de rituais, destas transgressões de fronteiras: o frágil questionamento de uma ordem, a partir da qual o lapso pode tornar-se discurso de rebelião, o ato falho, de motim e de insurreição: o momento imprevisível em que uma série heterogênea de efeitos individuais entre em ressonância e produz um acontecimento histórico, rompendo o círculo da repetição

O corpo enquanto estrutura discursiva, entre o sujeito e a língua, concretiza-se como materialidade discursiva, estabelecendo na língua a sua forma de simbolizar. Conforme Lagazzi-Rodrigues (1998, p. 78), a resistência se mostra na luta “por mudança e contra a mudança [...] é na contradição entre a sujeição ao poder e a luta contra o poder que a resistência deve ser analisada”.

A percepção de um real do corpo enquanto estrutura simbólica é introduzida para pensar o corpo como estrutura discursiva, a possibilidade de manifestação do equívoco, no qual nem tudo é visível, atuando como materialidade discursiva para pensar a

ausência na presença, no qual os efeitos de sentido emergem na aparente transparência, configurando-se como o lugar da falta e da multiplicidade de significações, “a resistência é a luta do sujeito por um lugar de poder/dizer” (LAGAZZI-RODRIGUES, 1998, p. 16)

A resistência, problematiza o saber instituído e põe em evidência as disputas de sentidos, convocando um posicionamento discursivo do sujeito. O contraditório está na disputa dos sentidos, nestes jogos ideológicos de acessar o fio discursivo primeiro que é hegemônico, dominante e vigente para, assim, inscrever novas significações.

A autora deste texto, sendo também sujeita, entre o lembrar e o esquecer, assumindo posições como estudante e como professora, diariamente está diante de crianças e adolescentes com suas subjetividades, diferenças e igualdades. Ao mesmo tempo, tem contato com colegas que carregam suas marcas pessoais e características, que os enquadram em grupos distintos ou semelhantes. Esses encontros motivam nossa pesquisa.

Fazemos, aqui e sempre, a reflexão sobre como nossa carreira acadêmica e profissional impacta na vida dos alunos. Também, no meio acadêmico, indagamos como esta pesquisa pode ser ferramenta para olhar por outra perspectiva a singularidade do ser e o corpo enquanto objeto discursivo, destacando o impacto dessa visada na subjetividade do indivíduo, constituindo-se, então, como ferramenta política e de empoderamento.

A escola, lamentavelmente, é um ambiente no qual circulam discursos racistas, gordofóbicos, transfóbicos entre outros. Nós, professores, conscientes do nosso papel, rebatemos esses ataques verbais e que podem progredir para agressões físicas. Compreendemos a sala de aula como um laboratório, no qual testamos inúmeras vezes, de distintos modos, até acertar a medida correta para alcançar nossos alunos. Sabemos que a realidade escolar não é um conto de fadas, mas é o nosso espaço, e, em nossas aulas, sempre trazemos conhecimentos adquiridos para conscientizar nossos alunos.

Nossa prática é de um movimento constante de instigar os alunos a questionarem o óbvio, os sentidos estabelecidos, que são naturalizados, seja um discurso político, um discurso que diz sobre os corpos dos indivíduos, discursos que falam sobre corpos negros, trans, travestis, corpos de presidiários, enfim, grupos minoritários e inviabilizados que são silenciados e precisam ser vistos por outras perspectivas, e também ouvidos.

Comentários depreciativos não passam de piadas para aqueles que compartilham de saberes instituídos culturalmente, mas deflagram algo maior, que são discursos que estereotipam os corpos, que fazem distinção entre corpos que são considerados belos e feios, corpos que merecem o papel principal em uma novela e corpos que ocupam o papel de antagonista seja na ficção, seja na vida real.

Tanto no ensino básico quanto no ensino superior, há uma preocupação com a aparência. Os corpos são indicadores que apontam para qual papel ocupará o sujeito, quais oportunidades profissionais terá, as relações amorosas e, principalmente, como a aparência impacta na felicidade e percepção de seus valores. Esse sistema imaginário estabelecido impulsiona nosso interesse para compreender as engrenagem ideológicas que movem os discursos sobre os corpos.

Compreendemos que esta pesquisa não se encerra aqui; há mais a ser pesquisado, descoberto e movido por essa sede incessante de conhecimento. Ocorre, aqui, a interpelação e a identificação com a vontade de continuidade.

Não poderíamos encerrar este estudo apenas no Trabalho de Conclusão de Curso; é necessário um estudo aprofundado sobre a relação discurso/ corpos/ resistência. O resistir, segundo Pruinelli (2020, p. 255), “é aproveitar todas as brechas, rachaduras, aberta pela discursividade”. Que “aproveitemos”, então.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Júlia. **Você é Muito Mais do que Vê no Espelho**. 6 set 2021. Instagram:@juliasouzaj. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CUs9GNiGLE/?utm_source=ig_web_copy_link/. Acesso em: 12 out. 2023.
- BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. 8. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2002.
- BRANDÃO, H.N. **Introdução à análise do discurso**. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2004.
- BRETANHA, Santiago. Contradição, discurso e resistência em análise de discurso: só há falha daquilo que causa. 1. **Cad. Est. Ling.**, Campinas, v.6 3, p. 1-20, e021015, 2021. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/download/8661734/27096/105598>. Acesso em: 12 ago. 2024.
- CRISTIANE, Mirele. **São Os Defeitos Do Seu Corpo Que Te Fazem Ser Quem Você é. Aprenda a Apreciá-los!**. 20 de agosto 2022. Instagram:@Mireledeusa. Disponível em: <https://www.instagram.com/mireledeusa?igsh=bDZnN29kMjkza2Y4>. Acesso em: 20 nov. 2023.
- DE NARDI, F. S.; NASCIMENTO, F. A. S. A propósito das noções de resistência e tomada de posição na análise de discurso: movimentos de resistência nos processos de identificação com o ser paraguaio. **Signum: Estudos da Linguagem**, v. 19, n. 2, p. 80-103, 2016. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/download/8661734/27096/105598>. Acesso em: 09 nov. 2024.
- FONSECA, Maria da Conceição Silva. Materialidades Discursivas: a fronteira ausente (um balanço). **Estudos da língua(gem)**, Vitória da Conquista. Uesb, 2005. p. 91-97. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/estudosdalinguagem/article/view/982/838>. Acesso em: 30 nov. 2024.
- LEANDRO FERREIRA, Maria Cristina. Resistir, resistir, resistir... Primado prático discursivo! In: SOARES, A.S.F; MARIANI, B; DELA-SILVA, S; MEDEIROS, V. (Orgs). **Discurso, resistência e...** Cascavel, PR: Edunioeste, 2015. p. 60 a 170. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/188266/001082664.pdf?sequence=1>. Acesso em: 23 dez. 2024.
- LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina Leandro. **Análise do discurso e suas interfaces: o lugar do sujeito na trama do discurso**. 2010 Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/28636/17316>. Acesso em: 24 set. 2024.

LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina. O discurso do corpo. In: MITTMANN, Solange; SANSEVERINO, Antonio. (orgs.) **Trilhas de investigação: a pesquisa no I.L. em sua diversidade constitutiva**. Porto Alegre: Instituto de Letras, UFRGS, 2011. p. 89-105.

LEANDRO-FERREIRA. Discurso, arte e sujeito na tessitura da linguagem. In: INDURSKY, Freda; LEANDRO FERREIRA, Maria Cristina. MITTMANN, Solange. (Orgs.) **O acontecimento do discurso no Brasil**. Campinas: Mercado de Letras, 2013.

HESS, Francieli. **A história da moda plus size e a evolução dos padrões de beleza**. Sindiveste: o sindicato das indústrias do vestuário do distrito federal, ago. 2017. Disponível em: http://www.sindicatodaindustria.com.br/noticias/2017/08/72_115466/a-historia-da-moda-plus-size-e-a-evolucao-dos-padroes-de-beleza.html. Acesso em: 04 out. 2024.

INDURSKY, Freda. Unidade, desdobramento, fragmentação: trajetória da noção de sujeito em análise de discurso. In: MITTMANN, Solange; GRIGOLETTO, E.; CAZARIN, E. (org.), **Práticas discursivas e identitárias: sujeito e língua**. Porto Alegre: Nova Prova 2008. p. 9-33.

INDURSKY, Freda. Da heterogeneidade do discurso à heterogeneidade do texto e suas implicações no processo da leitura. In: ERNST-PEREIRA, A.; FUNCK, S. B. (orgs.) **A leitura e a escrita como práticas discursivas**. Pelotas: Educat, 2001. p. 27-42.

LAGAZZI-RODRIGUES, Suzy. **A discussão do sujeito no movimento do discurso**. Tese de Doutorado em Linguística. Instituto de Estudos da Linguagem. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 1998. p. 15-80. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/132012>. Acesso em: 26 dez. 2024.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução: Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34, 1999.

LIMA, Heitor Pereira de. Heterogeneidade e(m) discurso: algumas reflexões sobre o outro e o diferente. Tese de Mestrando PUC-Minas. **Revista Interfaces**, 2021. nesta tese citam Ferreira (LEANDRO-FERREIRA, 2010, p. 67). Disponível em: https://revistas.unicentro.br/index.php/revista_interfaces/article/view/6947/5099. Acesso em: 04 out. 2024.

LIMA, Heitor Pereira de. **Heterogeneidade e(m) discurso: algumas reflexões sobre o outro e o diferente**. Tese de Mestrando PUC-Minas. **Revista Interfaces**, 2021. Disponível em: https://revistas.unicentro.br/index.php/revista_interfaces/article/view/6947/5099. Acesso em: 13 jul. 2024.

MACHADO, Mayha. **Estrias, celulites e “imperfeições” tão perfeitas**. 15 de abril de 2020. Instagram: @mayhamachado. Disponível em: <https://www.instagram.com/mayhamachado?igsh=MWR4cXR2N2Q0MjJuZw==>. Acesso em: 22 nov. 2023.

MITTMANN, Solange. Heterogeneidade constitutiva, contradição histórica e sintaxe. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo**. p. 85-101, 2010. Disponível em:

<https://seer.upf.br/index.php/rd/article/download/1380/857/5074>. Acesso em: 17 ago. 2024

MITTMANN, Solange. Heterogeneidade constitutiva, contradição histórica e sintaxe. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo**, Passo Fundo, v. 6, n. 1, p.85-10, jan./jun. 2010.

NARZETTI, Claudiana. Para uma história epistemológica do conceito de formação discursiva. **Linguagem em (Dis)curso** – LemD, Tubarão, SC, v. 18, n. 3, p. 647-663, set./dez.2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ld/a/rhGj9fL3bHR8gwV58PmdJdx/?format=pdf>. Acesso em: 22 jun. 2024.

NOVAES, Joana de Vilhena. **O intolerável peso da feiúra**: sobre as mulheres e seus corpos. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio: Garamond, 2013.

ORLANDI, Eni P. **Análise do Discurso**: princípios e procedimentos. 13. ed. Campinas: Pontes Editores, 2020.

ORLANDI, Eni. **Discurso em análise**: sujeito, sentido, ideologia. 2.ed. Campinas: Pontes, 2012.

ORLANDI, Eni. A Análise de Discurso em suas diferentes tradições intelectuais: o Brasil. In: INDURSKY, Freda; LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina. (orgs.) **Michel Pêcheux e a análise do discurso**: uma relação de nunca acabar. São Carlos: Claraluz, 2005a, p. 75-90.

ORLANDI, Eni. **Discurso e texto**: formulação e circulação dos sentidos. 2. ed. Campinas: Pontes, 2005b.

ORLANDI, Eni. **Cidade dos sentidos**. Campinas: Pontes, 2004.

PÊCHEUX, Michael. [1983] **Discurso**: estrutura ou acontecimento. 3. ed. Campinas: Pontes, 2002.

PÊCHEUX, Michael. [1983]. Papel da memória. In: Achard, P. *et al.* **Papel da memória**. Campinas: Pontes, 1999.

PÊCHEUX, Michel. Delimitações, inversões, deslocamentos. In: ORLANDI, E. P. e GERALDI, João Wanderley. (Org.) **Cadernos de estudos lingüísticos**. Campinas/IELUNICAMP, 1990. p. 07-24.

PÊCHEUX, Michel. [1975] **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. 2. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1995.

PÊCHEUX, M. [1975] **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: Editora da UNICAMP, 1988.

PÊCHEUX, Michel. [1969] Análise automática do Discurso (AAD-69). In: GADET, Françoise; HAK, Tony. (orgs.). **Por uma análise automática do discurso**: uma

introdução à obra de Michel Pêcheux. 3. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997. p. 1-161.

PÊCHEUX, M.; FUCHS, C. [1975] A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas. In: GADET, F.; HAK, T. (org.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 5. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2014. p. 163-252.

PRUINELLI, Andréia. Resistência. In: LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina (org.) **Glossário de termos do discurso**. Campinas: Pontes, 2020. p. 253-256.

RIBEIRO, Fabiana. **Tenhamos orgulho do nosso corpo, independente de como ele FOR!!** 26 de março de 2021. Instagram:@eufabimodel. Disponível em:<https://www.instagram.com/eufabimodel?igsh=MXFveHI2aW52NDdZdg==>. Acesso em: 22 nov. 2023.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi. **Gordos, magros e obesos**: uma história do peso no Brasil. 1 ed. São Paulo: Editora Estação Liberdade, 2016.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi. Cuidados de Si e Embelezamento Feminino: fragmentos para uma história do corpo no Brasil. IN: Sant'anna, D. B. (Org.). **Política do Corpo**. São Paulo: Estação Liberdade, 1995. p. 121-139.

SILVA, Fernanda. **Numa sociedade que lucra com a nossa insegurança, gostar de si mesma é um ato de rebeldia**. 28 de fevereiro de 2022. Instagram:@nandynhafofa. Disponível em: <https://instagram.com/nandynhafofa?gshid=OGQ5ZDc2ODk2ZA==> web copy link/. Acesso em: 25 nov. 2023.

SILVA, Fernanda. **Vc só precisa provar a vc mesma que não precisa provar nada a ninguém!**. 4 de julho de 2022. Instagram:@nandynhafofa. Disponível em: <https://instagram.com/nandynhafofa?gshid=OGQ5ZDc2ODk2ZA==> web copy link/. Acesso em: 25 nov. 2023.

VIGARELLO, Georges. **As metamorfoses do gordo**: história da obesidade no Ocidente da idade média ao século XX. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2012.

VINHAS, Luciana Iost. O corpo na análise de discurso: materialidade, lugar de enunciação, subjetividade. **Revista Língua & Literatura**, v. 23, n. 42, p. 143-163, jan./jun. 2021.